



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

SIMONE APARECIDA TOMAZETTO

AS INTERJEIÇÕES E AS LOCUÇÕES INTERJETIVAS NAS TIRAS EM
QUADRINHOS SOB A ABORDAGEM DISCURSIVA

CASCADEL – PR

2012

SIMONE APARECIDA TOMAZETTO

**AS INTERJEIÇÕES E AS LOCUÇÕES INTERJETIVAS NAS TIRAS EM
QUADRINHOS SOB A ABORDAGEM DISCURSIVA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração em Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clarice Nadir von Borstel.

CASCADEL-PR
2012

AS INTERJEIÇÕES E AS LOCUÇÕES INTERJETIVAS NAS TIRAS EM QUADRINHOS SOB A ABORDAGEM DISCURSIVA

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Ceres Pereira
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Membro Titular (convidada)

Prof^ª. Dr^ª. Aparecida Feola Sella
Membro Titular (da Instituição)

Prof^ª. Dr^ª. Terezinha da Conceição Costa-Hübes
Membro Titular (da Instituição)

Prof^ª. Dr^ª. Roselene de Fatima Coito
Universidade Estadual de Maringá – UEM
Membro Suplente (convidada)

Prof^ª. Dr^ª. Clarice Nadir von Borstel (UNIOESTE)
Orientadora

Cascavel, 12 de dezembro de 2012.

Dedico este trabalho à minha filha, Fabiana.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força que representa em minha vida.

Aos meus pais, pela vida, à minha mãe em especial pelo carinho e exemplo de luta na conquista de ideais.

Às minhas irmãs, pelo apoio e carinho.

À Professora Clarice Nadir von Borstel, que, com sabedoria, responsabilidade, dedicação e paciência assistiu-me em todas as etapas deste trabalho.

À Fabiana, querida filha adolescente, que soube compreender e estimular meus esforços.

Ao Henrique, companheiro dedicado e presença indispensável nesse momento de minha vida.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Agradeço aos olhares que passam por mim, dentro e fora da escola. Olhares que seguem os caminhos e nos mostram novos.

A todos que me incentivaram.

“Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que conhece poucas coisas, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente”.

Descartes

TOMAZETTO, Simone Aparecida. **As interjeições e locuções interjetivas nas tiras em quadrinhos sob a abordagem discursiva**. 2012. 107 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2012.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar considerações que podem contribuir com relação à *forma* linguística e à *função* semântica enquanto situação discursiva das interjeições e locuções interjetivas, a partir dos pressupostos teóricos com enfoque principal nos estudos de Gonçalves (2002); Bakhtin (2000, 2002a, 2002b), Bakhtin/Voloshinov (2004) e Marcuschi (2007). A intenção deste trabalho é refletir e discutir sobre as considerações do uso das interjeições e locuções interjetivas como atos expressivos, conversação natural, demonstrando seus sentimentos por meio de palavras e expressões corporais, caracterizando diferentes sentidos de ordem semântica e discursiva. Para análise dos dados, esta investigação buscou suportes nas teorias dos atos de fala, com base em teóricos como Austin (1962) e Searle (1981); na análise da conversação com suporte teórico em Marcuschi (1991) e Dionísio (2011); e na linguagem da imagem visual, verbal e não verbal das tiras em quadrinhos com os estudos metodológicos de Gumperz (1998) e Ramos (2010). O *corpus* escolhido para essa pesquisa é constituído nas tiras em quadrinhos, selecionadas do Jornal Folha de São Paulo dos anos de 1970 e 1990, em livros didáticos e em *sites* eletrônicos. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica do tipo qualitativa que pretende analisar a *forma* e a *função* das interjeições e das locuções interjetivas dentro das tiras em quadrinhos, observando os fatores semânticos e discursivos. Os resultados da análise demonstram que, a partir das interjeições e locuções interjetivas podem-se elencar as emoções básicas dos atos expressivos e explicar sua flexibilidade a partir de fatores de ordem pragmáticos, e que os atos expressivos, não estão a serviço da transmissão de uma informação, e sim a serviço de uma exteriorização de um estado emocional, observados nos atos de fala e na conversação entre os personagens quando se materializa a comunicação de imagem visual, verbal e não verbal. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa traga uma contribuição para professores de língua portuguesa, que poderá ser utilizada como fonte de pesquisa, contribuindo para a construção do conhecimento dos docentes e dos discentes no contexto da sala de aula como uma forma de aprendizagem significativa.

PALAVRAS-CHAVE: interjeição e locução interjetiva; tiras em quadrinhos; comunicação de imagem visual, não verbal e verbal; estudos semânticos e discursivos.

TOMAZETTO, Simone Aparecida. **The interjections and phrases in interjetivas comic strips under the discursive approach**. 2012. 107 p. Dissertation (Master in Letters – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2012.

ABSTRACT

This paper aims to present considerations that may contribute to the shape linguistic and semantic function as discursive situation of interjections and phrases interjetivas, from the theoretical assumptions with main focus on studies Gonçalves (2002), Bakhtin (2000, 2002a, 2002b), Bakhtin / Voloshinov (2004) and Marcuschi (2007). The intention of this paper is to reflect and discuss the considerations of the use of interjections and phrases interjetivas acts as expressive, natural conversation, expressing your feelings through words and body language, featuring different senses of semantic and discursive. For data analysis, this research sought supports the theories of speech acts, based on theoretical and Austin (1962) and Searle (1981), in conversation analysis with theoretical support in Marcuschi (1991) and Dionysus (2011), and in the language of visual imagery, verbal and non-verbal of comic strips with methodological studies of Gumperz (1998) and Ramos (2010). The corpus chosen for this research consists in comic strips, selected the Folha de São Paulo in 1970 and 1990, in textbooks and electronic sites. This is a survey of the basic nature of the qualitative type that you want to analyze the form and function of interjections and phrases within interjetivas comic strips, observing the discursive and semantic factors. The analysis results show that, as of interjections and phrases can be interjetivas list the basic emotions of expressive acts and explain its flexibility from factors of pragmatic, and expressive acts that are not in the service of transmitting a information, but the service of a manifestation of an emotional state, observed in speech acts and conversation between characters when it materializes the image visual communication, verbal and nonverbal. Thus, it is expected that this research will bring a contribution for teachers of English, which can be used as a source of research, contributing to the construction of knowledge of teachers and students in the context of the classroom as a way of meaningful learning.

KEY-WORDS: interjection and voiceover interjetiva; comic strips; visual image communication, verbal and non-verbal semantic studies and discursive.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação das tiras em quadrinhos	24
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Tira de Mauricio de Sousa.....	40
Figura 02: Tipos de Balões.....	40
Figura 03: Tira de Mauricio de Sousa.....	42
Figura 04: Tira de Mauricio de Sousa.....	43
Figura 05: Classificação das interjeições de acordo com Wierzbicka.....	56
Figura 06: Classificação das interjeições de acordo com Ameka.....	57
Figura 07: Tira de Dik Browne - Hagar.....	64
Figura 08: Tira Prof. Tantã	77
Figura 09: Tira Garfield.....	79
Figura10: Tira Chiclete com Banana.....	81
Figura 11: Tira Bill Watterson	84
Figura 12: Tira Laerte: Deus 2: a graça continua	86
Figura13: Tira O melhor de Calvin.....	87
Figura 14: Tira Níquel Náusea – Fernando Gonsales	89
Figura 15: Tira Hagar, o horrível.....	93
Figura 16: Tira Recruta Zero – Mort Walker.....	95

LISTA DE SIGLAS

LD – Livro Didático

TQ – Tiras em Quadrinhos

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA	18
1.1 O OBJETO DE ESTUDO: A INTERJEIÇÃO EM TEXTOS DO GÊNERO TIRAS EM QUADRINHOS	18
1.2 A METODOLOGIA: INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	19
1.3 TIPO DE PESQUISA	21
1.4 O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	23
2 AS SITUAÇÕES DAS TIRAS EM QUADRINHOS NO CONTEXTO DESSE ESTUDO	26
2.1 ESTUDOS SOBRE GÊNERO TEXTUAL E DISCURSIVO.....	26
2.2 A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	29
2.3 TIRA EM QUADRINHOS: QUE GÊNERO É ESSE?.....	33
2.4 O ESTUDO DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	36
2.4.1 A linguagem da imagem visual, verbal e não verbal nas tiras em quadrinhos	39
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	45
3.1 ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA E A LINGUAGEM.....	45
3.2 CULTURA E ENSINO.....	52
3.3 INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJETIVAS.....	55
3.3.1 Interjeições e as locuções interjetivas em dicionários e gramáticas brasileiras	59
3.3.2 As Interjeições e as locuções interjetivas nas Tiras em Quadrinhos	63
3.4 ESTUDOS SOBRE A SEMÂNTICA.....	65
3.4.1 Semântica Discursiva	68
3.5 A PRAGMÁTICA SOB O VIÉS DOS ATOS DE FALA	69
3.6 ESTUDOS SOBRE A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO	72

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS TIRAS EM QUADRINHOS.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

INTRODUÇÃO

A linguagem é um sistema em funcionamento, direcionada à comunicação humana. As tiras em quadrinhos, selecionadas como *corpus* desta pesquisa representam uma linguagem em uso. São organizadas na linguagem dos quadrinhos, com forte apelo humorístico e com interpretação fortemente dependente de informações implícitas. Pode-se dizer que os quadrinhos se caracterizam como uma forma de linguagem que utilizam elementos gráficos e textuais, em maior ou menor proporção, combinando-os de maneira harmoniosa.

Em qualquer linguagem, muito do que se percebe ou se comunica não está explícito, o que justifica a cumplicidade na interlocução e nas pistas de sentido. Nas “tiras em quadrinhos”, como na linguagem verbal, podendo selecionar símbolos concretos, como sequência dos sons, o tamanho das letras ou das palavras, que servem como pistas para que o receptor entenda as informações a partir de suas experiências, do seu conhecimento do mundo e da linguagem em questão. Os conhecimentos e a contextualização, além da materialidade linguística do texto, são condições fundamentais para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade.

Os quadrinhos revelam, por meio da semântica e da discursividade, diversos aspectos formais convencionais, válidos apenas dentro do universo dos mesmos, como uso de balões, metáforas visuais, onomatopeias, a direção de leitura das sequências de quadrinhos, enfim, todo o conjunto é responsável pela transmissão do contexto enunciativo ao leitor. E, por meio de enunciados sintáticos, os quadrinhos revelam as relações entre os diversos quadros e na montagem dos elementos dentro deles. Entre os elementos característicos dos quadrinhos estão às interjeições.

Acredita-se que, por meio do *corpus* selecionado para esta pesquisa, a percepção do estudo das interjeições, um conteúdo gramatical, seja valorizada por meio das imagens e que possamos observar os atos expressivos, diferentes significados, ou sentimentos dos personagens não somente nas tiras em quadrinhos, mas também na fala cotidiana, percebendo o quanto a língua portuguesa é significativa, tratando-se de interjeições e locuções interjetivas, quanto

à comunicação e à expressão de opinião que podem ser realizadas de maneira criativa e prazerosa.

Assim, se enquadra a presente pesquisa, no campo da linguística descritiva com o intuito de mostrar a língua em uso, o funcionamento e as características de determinados elementos linguísticos alinhados a determinações de ordem semântica e discursiva, observando a linguagem pragmática.

As interjeições serão identificadas, enquanto *forma*, como primárias e secundárias, e, enquanto *função*, como expressiva – emotivas/cognitivas e apelativas/sugestivas fáticas, caracterizando as habilidades linguísticas, semânticas de uma forma discursiva da linguagem pragmática.

Dessa maneira, há alguns objetos de investigação linguística, que podem e devem ser incorporados ao trabalho em sala de aula, tendo em vista que o processo de conhecimento implica em construção e, até hoje, os estudos gramaticais centram-se no entendimento da nomenclatura de uma forma gramatical como eixo principal.

Este trabalho, conforme se mostrará ao longo de seu desenvolvimento, tem por objeto de estudo os atos expressivos, que provêm das classes de interjeição da língua, governada por mecanismos e princípios de ordem discursiva, que auxiliam a prática de um ensino significativo.

Conforme estudo realizado por Fontes (2010), a língua, é concebida como um instrumento de comunicação e interação verbal, compreendida como uma atividade que envolve a participação de, no mínimo, dois indivíduos: o falante e o destinatário, e estruturada em torno de regras, normas e convenções que visam às interjeições enquanto elemento de uso da linguagem, ou seja, enquanto requisito do discurso e recursos pragmáticos da linguagem.

O objetivo deste estudo é trazer considerações que possam contribuir com relação à *forma* linguística e à *função* semântica e discursiva pragmática das interjeições e locuções interjetivas, observando:

- I. Observar, a interação face a face, demonstrando todos seus sentimentos por meio de palavras e suas expressões corporais;
- II. Identificar como se dão as interjeições e as locuções interjetivas, utilizadas quanto à *forma* linguística nas tiras em quadrinhos;

III. Interpretar como se evidenciam as interjeições e as locuções interjetivas quanto às *funções* semânticas e da discursividade da linguagem utilizadas nas tiras em quadrinhos;

IV. Verificar as interjeições volitivas dirigidas a animais e as interjeições volitivas dirigidas a pessoas, como se evidenciam os diferentes significados, ou sentimentos, transmitidos pelos atos expressivos nos personagens das tiras em quadrinhos.

Os objetivos apresentados partiram das seguintes perguntas de pesquisa:

- I. Qual o papel da interjeição e das locuções interjetivas no contexto linguístico e discursivo?
- II. Qual a relação da interjeição ou locuções interjetivas com outros fenômenos da fala, tais como marcadores conversacionais e as hesitações?
- III. Qual é o espaço que elas ocupam no lugar que a ciência da língua reserva à sua história?
- IV. Como se localizam as interjeições e as locuções interjetivas nas tiras em quadrinhos, que remete à *forma* linguística, à *função* semântica e da discursiva de recursos pragmáticos?

Essas perguntas expostas acima se uniram às leituras e reflexões conduzidas pela orientadora. Todo esse percurso está dividido, no texto desta dissertação em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, *Contextualização do instrumento de pesquisa*, apresenta o caminho metodológico seguido. A pesquisa é apresentada como um estudo de natureza básica, do tipo qualitativa, interpretando, problematizando e contextualizando as interjeições, nas tiras em quadrinhos, com enfoque direcionado aos fenômenos da semântica, da discursividade quanto aos atos de fala e da conversação. No primeiro momento, é apresentado o objeto de estudo: a interjeição em textos do gênero “tiras em quadrinhos”. Especifica-se a metodologia de investigação de acordo com Marconi e Lakatos (2008), Rampazzo (2002), Lüdke e André (1986), apresentando a seleção e a delimitação do *corpus*.

O segundo capítulo apresenta a caracterização do gênero textual e discursivo “tiras em quadrinhos”, baseado nos pressupostos teóricos de Bakhtin (2000), Marcuschi (2007), Moterani e Menegassi (2009), Ramos et alii (2010), Costa-Hübes (2011), entre outros. Faz-se uma reflexão sobre o gênero textual quanto à função

da situação enunciativa de uma forma discursiva dos elementos de imagens, verbais e não verbais que compõem as tiras em quadrinhos.

O terceiro capítulo trata do referencial teórico, situando a pesquisa no campo da Linguística Descritiva. No primeiro momento, apresenta-se a concepção de *Língua/linguagem* de Bakhtin/Volochínov (2004), para poder verificar nas Gramáticas como se dá os estudos dados às *interjeição* e as *locuções interjetivas* de acordo com, Travaglia (2004), Marcuschi (2007), Geraldi (2002), Benveniste (1976), entre outros; nos estudos sobre a *Cultura e ensino*, têm-se os estudos de Perini (1995), McLaren (2000), Cavalcanti (2001) e Bakhtin (1993); nos estudos da *Interjeição e das locuções interjetivas*, de acordo com os estudos de Gonçalves (2002), Marcuschi (2007), Vilela e Koch (2001), Campos e Assumpção (2007), Arnauld e Lancelot (1992), Bechara (1999) e Camâra Jr. (1977), entre outros; estudos sobre a *Semântica* de acordo com Paviani (1976), Gomes (2003), Bakhtin (1993, 2000, 2002a, 2002b); *A discursividade e os estudos pragmáticos sob o viés dos atos de fala* de acordo com Austin (1962), Searle (1981 [1969]), Bakhtin (2000), Bakhtin/Volochínov (2004) Pinto (2011), Marcuschi (2007); *Estudos sobre a análise da conversação* têm-se as obras de Marcuschi (1991), Gumperz (1998) e Dionísio (2011), entre outros.

O quarto capítulo destinado à discussão e à análise dos dados, de acordo com os teóricos referenciados no capítulo III Pressupostos Teóricos, sob a abordagem da língua/linguagem, da semântica argumentativa, de situações discursivas e de recursos pragmáticos dos atos de fala e da conversação, quando do emprego das interjeições e das locuções interjetivas verificadas no *corpus* de “tiras em quadrinhos”, com o intuito de caracterizar os diferentes significados, ou sentimentos, transmitidos pelos atos expressivos.

Assim, esta pesquisa se apresenta como contribuição para professores de língua portuguesa, que poderá ser utilizado como fonte de pesquisa, contribuindo com a construção do conhecimento dos docentes e dos discentes no contexto da sala de aula como forma de aprendizagem significativa.

CAPÍTULO I

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Neste capítulo, descrevem-se os instrumentos de pesquisa que orientam o estudo sobre as interjeições e as locuções interjetivas, na língua portuguesa, observadas no gênero textual tiras em quadrinhos. O *corpus* utilizado para esta investigação é composto por tiras em quadrinhos (doravante TQ), selecionadas do Jornal Folha de São Paulo, de livros didáticos e *Sites* eletrônicos. Desta forma, apresentam-se, a seguir, o objeto de estudo, a metodologia, o tipo de pesquisa e o *corpus* utilizado para análise e discussão dos dados.

1.1 O OBJETO DE ESTUDO: A INTERJEIÇÃO EM TEXTOS DO GÊNERO “TIRAS EM QUADRINHOS”

A interjeição tem recebido pouca atenção por parte dos gramáticos e dos linguistas. O desinteresse dos gramáticos se dá pelo fato de que “a interjeição não obedece algum preceito normativo e para os linguistas, ela recebe pouca importância porque não se situa na estrutura sintática” (MARCUSCHI, 2007, p. 133).

O que se verificou nas leituras prévias é que não há consenso entre os autores ao que se pode ser tomado como interjeição. Em alguns casos, há fenômenos que são tratados como interjeições, mas que para outros autores são tidos como marcadores conversacionais e até mesmo como hesitações. Além disso, “a interjeição foi vista pelos gramáticos apenas como um recurso para expressar a emotividade e não mais do que isso” (MARCUSCHI, 2007, p. 133).

A partir dessas colocações epistemológicas é que surgiu o interesse em investigar o objeto deste estudo sobre a interjeição e as locuções interjetivas no gênero textual e discursivo TQ.

Avalia-se que esse gênero, selecionado para esta pesquisa, é apropriado para este estudo por congregar a imagem visual e a linguagem verbal, para poder explorar imagens e palavras, realizar o cruzamento visual-verbal na construção da cena enunciativa. A interpretação e a pressuposição do sentido nas TQ ultrapassam os limites da frase para envolver também a parte não verbal.

Apesar de praticamente não haver limites para os autores que tratam sobre a linguagem em TQ na criação de novos recursos, um conjunto de regras próprias acaba se desenvolvendo, derivadas da escrita e da fala como ato expressivo em cada língua, da sua integração com o desenho e a informação e/ou representação semântica.

As interjeições e as locuções interjetivas utilizadas nas TQ recebem mais atenção do que dentro de estudos quanto ao nível da língua. As gramáticas e dicionários dedicam poucas discussões a essa classe gramatical, e parecem repetir uma mesma definição, a qual, na maioria das vezes, é reducionista, especialmente no caso dos recursos estilísticos de onomatopeias.

A representação gráfica nas TQ é essencial para a ambientação da narração, o que promoveu características específicas, resultando num código próprio de leitura que mescla elementos icônicos e convencionais. O estudo realizado visa, portanto, ao desenvolvimento da competência comunicativa e de habilidades linguísticas, um trabalho integrado, organizado por meio da seleção de informações e como sugestão de possíveis atividades que possam ser desenvolvidas com o gênero textual e discursivo selecionado.

A interação, o diálogo realizado por meio de códigos diversificados é muito importante neste trabalho, que tem por fim investigar o valor significativo das interjeições e das locuções interjetivas contextualizadas ao gênero textual tira em quadrinhos como interação verbal (oral e escrita), não verbal para poder elencar as emoções básicas das formas linguísticas e dos atos expressivos da fala que são utilizados através da linguagem visual, dos traços fônicos e dos recursos prosódicos. A escolha das TQ para desenvolvimento desta pesquisa se justifica por se tratar de um gênero que pode ser utilizado pela escola, como tema e fonte de pesquisa e de análise.

1.2 A METODOLOGIA: INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Com o objetivo de descrever o comportamento e o funcionamento dos atos expressivos dos personagens que compõem as TQ, centrando-se em seus sentimentos e emoções transmitidos pelas interjeições e pelas locuções interjetivas, para poder responder às perguntas da pesquisa, já citadas na introdução:

- I. Qual o papel da interjeição e das locuções interjetivas no contexto linguístico e discursivo?
- II. Qual a relação da interjeição ou locuções interjetivas com outros fenômenos da fala, tais como marcadores conversacionais e as hesitações?
- III. Qual é o espaço que elas ocupam no lugar que a ciência da língua reserva à sua história?
- IV. Como se localizam as interjeições e as locuções interjetivas nas TQ, de uma forma que remete à *forma* linguística, quanto à *função* semântica, de situações discursivas e de recursos da pragmática?

Para a realização deste estudo buscou-se selecionar um gênero que tem sido objeto de estudos em várias áreas do conhecimento, que tem sido investigado e trabalhado como recursos de prática linguística e de ensino, em aulas de língua portuguesa. Além disso, é fato que as TQ caracterizam um meio de comunicação multimodal, isto é, um gênero que se constrói a partir de signos significativos: o visual, o verbal e o não verbal. Segundo Durão (2004):

A leitura de HQs pode ser imensamente facilitada se forem explicitadas suas características verbais preponderantes (personagens, onomatopeias, etc.), assim como seus aspectos não-verbais (balões, símbolos gráficos, etc.), de modo que os leitores possam ultrapassar os limites de uma leitura intuitiva e superficial e atingir o nível de uma leitura consciente e aprofundada, com plena consciência dos dois tipos de linguagem em jogo (DURÃO, 2004, p. 165).

Os recursos prosódicos e os marcadores conversacionais (repetições, truncamentos, hesitações, entre outros) são recursos muito utilizados em TQ e, por isso, é pertinente que se interpretem estas formas que apresentam uma riqueza de dados da semântica e da pragmática sob o ponto de vista sociinteracional de envolvimento que se volte para a expressão das intenções do enunciador nesse gênero textual e discursivo.

Partindo disso, sem a intenção de esgotar o assunto, para a realização desta pesquisa, procura-se associar os conceitos e fenômenos semânticos da produção de sentido, o que não se apresenta como tarefa simples para os estudiosos da linguagem, uma vez que envolve várias formas de relacionamento entre a linguagem e o mundo representado por ela no discurso.

Para a realização das discussões teóricas utilizadas para poder analisar e interpretar as interjeições e as locuções interjetivas, no *corpus* TQ, é necessário que se reflita sobre aportes teóricos. Primeiro situam-se as TQ no contexto desse estudo, apresentando a caracterização do gênero textual e discursivo TQ, enquanto prática para situá-las nesse contexto. Em seguida, discute-se sobre a importância das histórias em quadrinhos e explicitam-se as abordagens dadas sobre as TQ: que gênero é esse? Por último, uma reflexão sobre o gênero textual quanto à função da situação enunciativa de uma forma discursiva dos elementos visuais, verbais e não verbais que compõem as TQ.

Com relação à segunda parte, discute-se o arcabouço metodológico adotado, neste estudo no capítulo III, essas abordagens teóricas darão suporte para poder analisar e interpretar as interjeições e as locuções interjetivas quanto à *forma* e quanto à *função* da linguagem de imagem visual, verbal e não verbal, as quais se manifestam nos diálogos encontrados nas TQ, caracterizando os diferentes significados semânticos sob o enfoque da discursividade, da pragmática, quanto aos atos de fala e da conversação que são expressos por sentimentos e emoções, sensações ou estados de espírito dos personagens no processo da linguagem em uso.

1.3 TIPO DE PESQUISA

A metodologia utilizada se sustenta em um trabalho qualitativo, pois se buscou material teórico e de leitura que sustentam a análise e as considerações realizadas na pesquisa.

Segundo Marconi e Lakatos (2008),

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc. (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 269)

Na análise qualitativa, esta pesquisa pretende identificar a *forma* e a *função* das interjeições e das locuções interjetivas dentro das TQ, observando os fatores semânticos e pragmáticos, que não podem isentar a participação de fatores que interagem na compreensão do fenômeno semântico, num movimento constante,

interpretando e, ao mesmo tempo, depositando novos elementos de sentido no discurso.

Para Marconi e Lakatos (2008), “na pesquisa qualitativa, primeiramente faz-se a coleta dos dados a fim de poder elaborar a ‘própria base’, ou seja, o conjunto de conceitos, princípios e significados” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 272).

Os dados de uma pesquisa qualitativa não são estáticos e dissociados de um contexto social em movimento, e, sim “são ‘fenômenos’ que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições de revelações e ocultamentos” (RAMPAZZO, 2002, p. 66).

A pesquisa empreendida se caracteriza como de natureza básica do tipo qualitativa, uma vez que permite analisar os dados, interpretá-los, problematizando e contextualizando os resultados sobre as interjeições e locuções interjetivas, nas TQ, que constituem o *corpus*, enfocando-se os fenômenos da semântica, da discursividade da pragmática quanto aos atos de fala e dos elementos da conversação.

Para tanto, a descrição constitui “importância significativa no desenvolvimento da pesquisa qualitativa” (MARTINS, apud MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 272). Assim como, “à medida que os dados são coletados, é também interpretado, o que pode levar à necessidade de novos levantamentos” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 273).

Esta pesquisa também se caracteriza como documental, visto que reconhecem o livro didático e o jornal como documentos que repercutem ideologias e visões de mundo. E a sua natureza de análise de dados a caracteriza como interpretativa.

A análise do tipo documental consiste em uma técnica relevante na pesquisa qualitativa, uma vez que possibilita a articulação das informações já obtidas sobre o objeto por meio de outras técnicas e as novas interpretações que ora se pretendem (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

A intenção é propor uma descrição dos atos expressivos utilizando as interjeições e locuções interjetivas pelos autores, nestes tipos de documentos, sempre baseada numa interface das áreas da semântica, do discurso e da pragmática, em situações comunicativas, premissa fundamental do processo de língua/linguagem. É importante reconhecer, ainda, a constituição do *corpus* utilizado neste trabalho: pelo tipo de expressividade da palavra em situações de comunicação

que se busca aqui evidenciar por meio da linguagem de imagem visual, não verbal e verbal.

1.4 O *CORPUS* DA PESQUISA

Para desenvolver a pesquisa, selecionaram-se para composição do *corpus* 15 TQ¹ encontradas no jornal a Folha de São Paulo, em livros didáticos e na própria *Web*, como é o caso das TQ de Mauricio de Souza, disponibilizadas no *Site* <www.monica.com.br>.

Assim, com relação aos direitos autorais da utilização das “tiras em quadrinhos” sua utilização para o desenvolvimento de trabalhos e estudos científicos dissertativos: é permitido de acordo com a Lei n° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, ou seja, “as obras situadas permanentemente em logradouros públicos podem ser representadas livremente, por meio de pinturas, desenhos, fotografias e procedimentos audiovisuais” (CONGRESSO NACIONAL, Lei n° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Capítulo IV – das Limitações aos Direitos Autorais, art. 48, p. 6).

Do jornal Folha de São Paulo, selecionaram-se as tiras dos seguintes meses: janeiro, julho e dezembro, sendo o primeiro domingo de cada mês dos anos de 1970 e 1990, porque este *corpus* se apresenta, com vários elementos de linguagem de imagem visual, verbal e não verbal que, se bem explorados, podem ajudar significativamente no processo da diversidade linguística, de fatores sócio-históricos semântico-argumentativo e de recursos discursivos, utilizados pelos autores dessas TQ.

O livro didático é um dos meios que o professor dispõe para suas práticas pedagógicas. Nele, são abordados vários gêneros textuais e discursivos utilizados para desenvolver no aluno as habilidades de leitura, escrita e interpretações. A TQ é um dos gêneros que está presente nos livros didáticos, um gênero organizado na linguagem dos quadrinhos, com forte apelo de humor ou ironia com interpretação fortemente dependente de informações implícitas.

¹ O gênero HQ diferencia-se das tiras apenas pela sua extensão. Enquanto as HQ organizam-se em uma ou muitas páginas, as tiras são estruturadas a partir de um até quatro quadrinhos. As TQ têm origem nas HQ.

A *Web* permite acesso a *Sites* de todos os tipos e lugares do mundo. O uso de recursos tecnológicos está presente no dia a dia dos alunos e pode ajudar a aproximá-los de temas tratados em sala de aula.

Para este estudo foram selecionados os seguintes livros didáticos (doravante LD): 1) *Novo diálogo*: língua portuguesa, de Beltrão e Gordilho (2007), 2) *Gramática*: texto análise e construção de sentido, de Abaurre e Pontara (2006), 3) *Português*: literatura, gramática, produção de texto, de Sarmiento e Tufano (2010), 4) *Tantas linguagens*: literatura, produção de textos e gramática em uso, de Campos e Assumpção (2007), 5) *Projeto Araribá*: português: ensino fundamental (2007) e 6) *Oficina de redação* (2007). E no *Site* da Turma da Mônica as TQ, relacionadas no quadro a seguir, para análise e interpretação dos dados na discussão deste texto dissertativo.

Quadro 01: Relação das tiras em quadrinhos

Figura 08: Tira Prof. Tantã	JORNAL: Domingo, 04 de Janeiro de 1970.	p. 71
Figura 09: Tira Garfield	JORNAL: Domingo, 1º de julho de 1990.	p. 73
Figura 10: Tira Chiclete com Banana	JORNAL: Domingo, 1º de Julho de 1990.	p. 75
Figura11: Tira Bill Watterson	LD – Português: literatura, gramática, produção de texto.	p. 78
Figura12: Tira Laerte: Deus 2: a graça continua.	LD – Gramática: texto: análise e construção de sentido.	p. 80
Figura 13:Tira O melhor de Calvin	LD - Projeto Araribá: português: ensino fundamental.	p. 81
Figura 14: Tira Níquel Náusea – Fernando Gonsales	LD – Tantas linguagens: língua portuguesa: literatura, produção de textos e gramática em uso.	p. 82
Figura15: Tira Hagar, o Horrível	LD – Oficina de redação.	p. 86
Figura 16: Tira Recruta Zero – Mort Walker	LD – Tantas linguagens: língua portuguesa: literatura, produção de textos e gramática em uso.	p. 88

Por conseguinte, todo o levantamento desse material para a pesquisa passou por uma seleção, para que se pudesse utilizar e poder interpretar a expressividade enunciativa das interjeições e das locuções interjetivas, utilizadas de acordo com os atos de fala e dos enunciados, utilizados quanto à *forma* e à *função* das interjeições, de acordo com os recursos da semântica argumentativa, o estudo da discursividade

e de recursos pragmáticos, relacionado aos aspectos linguísticos (fonológicos morfosintáticos e semânticos) da fala com o contexto nos quais essas se evidenciam, explicando e interpretando seus diferentes usos empregados pelos autores das TQ.

CAPÍTULO II

2 AS SITUAÇÕES DAS TIRAS EM QUADRINHOS NO CONTEXTO DESSE ESTUDO

Este capítulo, inicialmente, apresenta a caracterização do gênero textual e discursivo TQ, enquanto prática para situá-los nesse contexto. Em seguida, discute-se a importância das histórias em quadrinhos e explicitam-se as abordagens dadas sobre as TQ: que gênero é esse? Por último, realiza-se uma reflexão sobre o gênero textual quanto à função da situação enunciativa de uma forma discursiva dos elementos de imagem visual, das formas não verbais e dos traços verbais que compõem as TQ.

2.1 ESTUDOS SOBRE GÊNERO TEXTUAL E DISCURSIVO

Tendo em vista que o estudo trata sobre o gênero textual “tiras em quadrinhos” e, como se pretende analisá-lo de uma forma enunciativa/discursiva é necessário, portanto, que se faça esta discussão teórica sobre o gênero textual e discursivo.

A palavra “gêneros” sempre foi bastante utilizada pela retórica e pela teoria literária com um sentido especificamente literário, para identificar os gêneros clássicos – o lírico, o épico, o dramático – e os gêneros modernos, como o romance, a novela, o conto, o drama, entre outros.

O gênero textual está associado à noção de texto e, detendo-se principalmente ao estudo de sua estrutura textual, “refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Já o gênero discursivo está associado à noção de discurso.

Desta maneira, “entre o discurso e o texto está o gênero, que é visto como prática social e prática textual-discursiva” (MARCUSCHI, 2008, p. 84). O gênero, segundo o autor, opera como ponte entre o discurso, com uma atividade mais universal, e o texto, enquanto peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Os gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem.

Assim, Bakhtin (2000) foi o primeiro a empregar a palavra “gêneros” com um sentido mais amplo, referindo-se também aos textos quando se utiliza em situações cotidianas de comunicação. Segundo o autor, todos os textos que se produzem na comunicação verbal (oral e escrita) apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tendo ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes textos ou gêneros textuais ou discursivos, que podem ser caracterizados por três aspectos básicos: o tema, o modo composicional (a estrutura) e o estilo (usos específicos da língua).

Quando se está numa situação de interação verbal, a escolha do gênero não é completamente espontânea, pois leva em conta um conjunto de coerções dadas, pela própria situação de comunicação: quem fala; sobre o que se fala; com quem se fala; e, com qual finalidade. Todos esses elementos condicionam as escolhas do locutor, que, tendo ou não consciência acaba por fazer uso do gênero mais adequado à situação utilizada.

Toda atividade humana está ligada ao uso da linguagem e “compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 261). Acrescenta, ainda, que o emprego da língua se realiza em forma de enunciados, que podem ser orais e escritos, concretos e únicos. Com essa posição teórica, percebe-se o envolvimento do gênero com relação ao social.

Portanto, “não se pode tratar o gênero de discurso independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Por isso, “esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 261). Tais elementos estão unidos no todo do enunciado e são determinados por um campo de comunicação específico.

Assim, Bakhtin (2000), conceitua gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados. E complementa:

[...] a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida

que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2000, p. 262).

O autor reitera que, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos, que a realizam. É igualmente através dos enunciados concretos que os fatores da vida se evidenciam na língua.

Os gêneros do discurso refletem de modo imediato, preciso e flexível as mudanças que transcorrem na vida social. Por conseguinte, “considera muito importante o estudo da natureza dos gêneros do discurso para exceder as concepções simplificadas da vida do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 269).

O autor ainda afirma que já está consolidada a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos de acordo com os estudos bakhtinianos e que eles contribuem, reitera-se a colocação Marchuschi (2002, p. 19), quando cita que é possível “ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. E reforça, também, que, apesar de os gêneros textuais possuírem alto poder preditivo e interpretativo das ações dos homens, em qualquer contexto discursivo, eles não são estruturas estanques e enrijecedoras da ação criativa. A respeito disso, o autor comenta em seus estudos que os gêneros do discurso são “altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se nas culturas em que se desenvolvem.

[...] muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

Assim, parte-se do pressuposto de que é impossível se comunicar verbalmente, a não ser por meio de algum gênero. Marcuschi (2002) retoma as concepções bakhtinianas e afirma que a língua é concebida em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em seus aspectos formais.

Partindo da concepção, adotada por Bakhtin (2000) e discutida por Marcuschi (2002), o autor acredita em uma noção de língua como atividade social, histórica e

cognitiva. Tal postura teórica se insere “no quadro da hipótese sócio-interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

Ao tratar do “domínio discursivo”, Marcuschi (2008), afirma que, no sentido bakhtiniano, constitui-se muito mais em uma esfera da atividade humana do que em um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que lhe são próprios, às vezes, ou específicos, como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.

As definições elencadas por Marcuschi (2008) sobre domínios discursivos são muito mais operacionais do que formais e seguem a posição bakhtiniana. Assim, os domínios discursivos não lidam propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos.

2.2 A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A partir dos estudos de Ramos et alii (2010), pôde-se identificar que os quadrinhos representam, hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de uma forma globalizada e popular. As publicações circulam nos quatro cantos do planeta, com uma variedade de títulos e tiragens adquiridos por um público fiel e ansioso por novidades. Essa popularidade das histórias em quadrinhos não se deu por acaso. A indústria dos quadrinhos se move com esforço de um grande número de profissionais que, muitas vezes, não têm contato direto entre si, vivendo em países e pertencente a culturas diferentes.

Segundo o autor, “pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizaram fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica” (RAMOS et alii, 2010, p. 8). Tem-se como exemplo as crianças, que começam muito cedo a transmitir suas impressões do mundo, da

família, dos amigos, dos irmãos por meio de desenhos cumprindo o objetivo que é comunicar uma mensagem.

No final do século XIX, os quadrinhos se tornaram um produto de consumo massivo, despontaram em páginas dominicais dos jornais norte-americanos voltados para os imigrantes, com desenhos satíricos, cômicos e personagens caricaturais. Anos depois, as “tiras” passaram a ter publicação diária nos jornais, com uma diversidade de temas, abrindo espaço para núcleos familiares, animais antropomorfizados e protagonistas femininos, conservando ainda assim o traço cômico.

Ramos et alii (2010) comenta, ainda, que a leitura de histórias em quadrinhos passou a ser estigmatizada pelas camadas ditas “pensantes” da sociedade e que a sua leitura afastava as crianças de “objetivos mais nobres”, o que ocasionou um prejuízo no rendimento escolar, quando não há um raciocínio lógico, dificuldade para apreensão das ideias abstratas e um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores.

Mas o desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, nas últimas décadas do século XX, fez com que os meios de comunicação passassem a ser encaradas de maneira menos catastrófica. Isso fez com que as histórias em quadrinhos recebessem um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passassem a aceitá-las como um elemento de destaque do sistema global de comunicação. Os quadrinhos foram utilizados para a literatura policial e a ficção científica, sendo encarados pela sua especificidade narrativa e analisados sob a ótica própria e mais positiva, o que favoreceu a aproximação das histórias em quadrinhos nas práticas linguísticas pedagógicas.

Dessa forma,

Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens (RAMOS, 2009, p.17).

Conforme Ramos et alii (2010), nos anos 50, na China comunista, o governo de Mao Tse-Tung também utilizou fartamente a linguagem do gênero “histórias em quadrinhos” em campanhas “educativas”, passando a imagem de “solidariedade” que o governo chinês queria vender para a população. O Departamento de defesa

dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, com a colaboração do desenhista Will Eisner, também utilizou os quadrinhos na elaboração de manuais para treinamento de suas tropas.

Dessa maneira, outros editores também se aventuraram no sucesso comercial desse tipo de publicação, com maior ou menor sucesso, ajudando a firmar o entendimento de que os quadrinhos poderiam ser utilizados para a transmissão de conteúdos escolares, com resultados bastante satisfatórios.

A inclusão das histórias em quadrinhos em materiais didáticos, no país, começou de forma tímida. Inicialmente, eram utilizadas somente para ilustrar o material que antes era explicado somente com textos. Nesse momento, as histórias em quadrinhos apareciam nos livros didáticos em quantidade bem restrita, pois ainda se temia a resistência por parte dos educadores e das escolas.

Mas, após avaliação realizada pelo Ministério da Educação em meados dos anos 1990, vários autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem de gêneros textuais, no que diz respeito aos textos informativos e às atividades complementares, incorporando também a linguagem dos quadrinhos em suas produções.

Assim, as barreiras contra as histórias em quadrinhos em ambiente didático foram derrubadas: os professores e os alunos puderam utilizá-las livremente no processo ensino/aprendizagem. Os docentes puderam trabalhar em diversas disciplinas, tornado suas aulas mais agradáveis, com conteúdos que abrangem temas específicos nas salas de aula.

A inclusão das histórias em quadrinhos no currículo escolar passou a ser reconhecida pelos órgãos oficiais de educação, como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que desenvolveram orientações específicas para isso, tais como: aguçar a curiosidade e senso crítico; associar a interligação texto/imagem de maneira mais eficiente; trabalhar com o alto nível de informação que os quadrinhos possuem; auxiliar no desenvolvimento do hábito de leitura; enriquecer o vocabulário dos estudantes; identificar o caráter elíptico da linguagem dos quadrinhos que obriga o leitor a pensar e imaginar e também podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. Além disso, é importante ressaltar duas características bastante pragmáticas do aproveitamento dos quadrinhos em sala de aula: a acessibilidade e o baixo custo.

Ramos et alii (2010), cometa que

[...] não existem regras. No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino (RAMOS et alii , 2010, p. 26).

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas na prática de ensino/aprendizagem para introduzir um tema, para aprofundar um conceito, gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia ou até mesmo contrapor-se ao enfoque dado por outro meio de comunicação de imagem visual, do verbal ou não verbal.

Mas é importante ressaltar que a leitura de revistas Gibis como um momento de entretenimento para os alunos ou como uma espécie de descanso, pode atingir resultados opostos aos pretendidos, pois coloca o processo de ensino em uma situação desconfortável frente às outras formas de comunicação. As histórias em quadrinhos não devem ser vistas como uma mágica capaz de transformar pedra em ouro. Como afirma Ramos et alii (2010),

[...] pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editoriais, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes (RAMOS et alii, 2010, p. 27).

Segundo o autor as histórias em quadrinhos também passaram a ser utilizadas em sala de aula e ganharam espaço em muitos livros didáticos. Até mesmo em Concursos de Vestibulares e questões do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio).

Para Ramos et alii (2010),

[...] os quadrinhos são, sem dúvida, um riquíssimo material de apoio didático. Sendo bem trabalhadas (o que poucas vezes acontece), propõem aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o uso da língua portuguesa (RAMOS et alii, 2010, p. 66).

Portanto, reiterando os estudos de Ramos et alii (2010) e Costa-Hübes (2011) e com base nos estudos de Bakhtin (2000), é pelos enunciados que um indivíduo interage com o outro é por meio do gênero textual com padrões sociocomunicativos

que esses enunciados se concretizam e ganham força para agir sobre o outro, revelando ideias, atitudes, conflitos e conhecimentos.

Assim, acredita-se que a leitura apresentada pelos enunciados das “Tiras em Quadrinhos”, concretizados nos gêneros textuais em situações enunciativa e discursiva, representa o momento em que o indivíduo se transforma e pode transformar o outro.

2.3 TIRA EM QUADRINHOS: QUE GÊNERO É ESSE?

A TQ, em geral, é um gênero discursivo de teor cômico ou crítico, é um tipo de história em quadrinhos que costuma se desenvolver em três ou quatro quadros, dispostos horizontalmente. Normalmente são publicadas em jornais, revistas ou livros e têm um público encantado e seduzido por essa leitura.

Antes de entrar aqui em maiores detalhes a respeito das TQ e histórias em quadrinhos (doravante HQ), é importante dizer que as duas formas tratam do mesmo gênero textual, diferenciando-se apenas uma da outra pela sua extensão narrativa, isto é, as TQ se organizam em um, dois, até quatro quadros, já as HQ apresentam-se organizadas em uma ou duas páginas.

Como já citado no Quadro I, do capítulo I, Contextualização do instrumento da pesquisa, utilizam-se para exemplificar e analisar as TQ de Maurício Sousa, disponibilizadas no site <www.monica.com.br>, no Jornal Folha de São Paulo e em alguns Livros Didáticos.

A “tira em quadrinhos” é um gênero que combina a linguagem discursiva verbal com a linguagem não verbal. Essa combinação narrativa precisa ser muito bem elaborada. Às vezes, as tiras não têm texto, apenas imagens que sugerem a sequência histórica dos acontecimentos.

No início, as tiras eram publicadas como capítulos de histórias maiores. Só muito mais tarde passaram a existir como histórias independentes.

A informalidade é uma característica da linguagem utilizada nas tirinhas. Até quando têm o objetivo de informar ou fazer uma crítica, elas pretendem entreter o leitor, chamar a sua atenção. E a maneira mais fácil de fazer isso é escrever de um jeito que todos possam interpretar e entender.

As TQ surgiram no final do século XIX, quando passaram a ter publicação diária nos jornais e a diversificar suas temáticas. No período pós-guerra e início da

chamada Guerra Fria, surgiu um clima de desconfiança em relação às tiras, devido à temática realista, de gosto duvidoso e de crítica, o que as tornava muito populares entre os jovens. O psiquiatra alemão Fredic Wertham, radicado nos Estados Unidos, começou a atribuir às TQ aspectos negativos em relação à sua leitura, afirmando que “poderiam influenciar adolescentes e jovens com suas formas de malefícios, levando-as a anomalias de comportamento e a desajustes sociais” (RAMOS et alii, 2010, p. 12).

Devido a essas denúncias, as TQ passavam por uma vigilância mais severa dos professores, mães, bibliotecários, além de grupos religiosos, vigilância essa que chegou a transformar esse gênero em histórias pírias e sem criatividade.

Mas, nas últimas décadas do século XX, devido ao desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, os meios de comunicação passaram a ser encarados de maneira menos apocalípticas, procurando-se analisá-los em sua especificidade e compreender melhor o seu impacto na sociedade.

A partir de meados dos anos de 1990, após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem, incorporando as TQ em suas produções.

Após tal período, surgem as TQ em ambiente didático, sendo utilizadas por professores e alunos no processo de ensino/aprendizagem. Em geral, são de teor cômico ou crítico, é um tipo de TQ que costuma se desenvolver em três ou quatro quadros, dispostos horizontalmente. Normalmente, são publicadas em jornais, revistas Gibis e têm um público cativo.

De acordo com estudos realizados por Moterani e Menegassi (2009), as tiras em quadrinhos representam um meio de comunicação de massa, pois, de acordo com Ramos et alii (2010),

[...] as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhares ou, às vezes, até mesmo milhões de exemplares, avidamente adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ansioso por novidades (RAMOS et alii, 2010, p. 7)

Essa popularidade se justifica pela composição dos quadrinhos: o verbal e o visual, os quais interagem e garantem que a mensagem seja entendida em sua plenitude.

Esse gênero combina a linguagem verbal com a linguagem visual e essa combinação precisa ser bem detalhada. Às vezes, as TQ não têm escritas, apenas imagens que sugerem a sequência histórica dos acontecimentos textuais. De acordo com Moterani e Menegassi (2009), as TQ se caracterizam por serem histórias narradas em sequências históricas de pequenos quadros e, esse gênero enunciativo e discursivo se evidencia, normalmente, em forma de faixa geralmente horizontal de uma dada história em quadrinhos.

Para Ramos et alii (2010), as TQ geralmente se constituem de linguagem visual, plano e ângulos de visão, protagonista e personagens secundários, figuras cinéticas, metáforas visuais, linguagem verbal, balão de fala, legendada e onomatopeias, que determinam sua organização composicional.

No início, as TQ eram publicadas como capítulos de histórias maiores. Só mais tarde passaram a existir como histórias independentes. Seus temas são bastante diversos, os quais são identificáveis desde histórias de super-heróis, até o contexto político, social e econômico. Conforme Mendonça (2005), as TQ predominam fora das revistas de Gibis, em jornais e outros espaços midiáticos. A preferência pelas TQ parece ocorrer por dois fatores principais: a economia de espaço e o acesso à narrativa completa numa mesma edição.

De acordo com as explicações de Moterani e Menegassi (2009), as TQ são divididas horizontalmente em um número limitado de quadrinhos, compostas de balões, os quais representam a fala, o pensamento, enfim, a expressão dos personagens, de linguagem visual e de legenda, a qual normalmente apresenta a fala do narrador. Quanto à estilística, a linguagem informal, com marcas coloquiais de onomatopeias e metáforas, é muito recorrente. Algumas TQ usam do artifício de serem coloridas e terem cenário, o que chama mais a atenção e ajuda os leitores a visualizarem com facilidade a situação.

A informalidade é uma característica da linguagem utilizada nas TQ. Até quando têm o objetivo de informar ou fazer uma crítica, pretendendo entreter o leitor e chamar a atenção à informação enunciativa e discursiva presente na narrativa. E a maneira mais fácil de fazer isso é escrever de um jeito que todos entendam e, por possuírem poucos quadrinhos, precisam trabalhar seus temas de forma sintetizada e de maneira que tenham uma sequência anterior ou posterior, se assim for necessário, por isso, costumam estabelecer uma lógica sequencial.

Partindo de todas essas informações, portanto, de acordo com Moterani e Menegassi (2009), ressalta-se que as TQ podem ser utilizadas em sala de aula e em qualquer nível de ensino, pois são inúmeros os temas e as finalidades, delineados por diferentes estilos linguísticos. Além disso, esse gênero textual e discursivo é de fácil acesso e chama a atenção de muitos leitores de diversas idades, visto que o visual e o verbal, em um jogo interativo, são ótimos recursos para que se desperte a autonomia, o lado do aluno e, conseqüentemente, o domínio da Língua Portuguesa e sua diversidade linguística.

2.4 O ESTUDO DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A linguagem é uma atividade humana que está relacionada com o mundo. Dentre todas as linguagens, é a língua natural, aquela que se fala e que demonstra a identidade e a cultura de um indivíduo, permitindo relacionar com a realidade na qual o indivíduo está inserido. A língua está na base de questionamentos e indagações do indivíduo, sobre o modo como o mundo se organiza e sobre como se relaciona com as pessoas com as quais convive.

É importante explicitar a diversidade linguística e cultural no país, quando se ensina o português, para que o aluno possa entender de fato a existência de diferentes variedades da língua e considerar adequada ou não uma construção linguística específica. A dificuldade aparece no momento da escrita, quanto à aprendizagem de gramática, como morfossintaxe, fonética/fonologia, semântica e pragmática, podendo ser descrita a partir de uma perspectiva que defina o desejo de conhecer as diversas possibilidades de organização da língua e os contextos em que tais possibilidades são ou não aceitáveis.

Gumperz (1998) tem defendido a ideia de que a diversidade linguística é mais do que uma questão de comportamento. Para o autor,

A diversidade linguística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia no sentido de que, numa conversação, os interlocutores – para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida – se baseiam em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar (GUMPERZ, 1998, p. 99).

O conjunto de informações internalizadas é muito importante para a manutenção do envolvimento conversacional e para o uso eficaz de estratégias persuasivas. Considerando a interpretação que se realiza por implicaturas conversacionais e que a atividade que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam é o que Gumperz denomina de *pistas de contextualização*.

Segundo Gumperz (1998), as “pistas de contextualização são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais”, os traços podem ser de três tipos: a) sinais não verbais; b) sinais paralinguísticos e c) conteúdo semântico das mensagens. As pistas referentes aos sinais não verbais englobam desde olhar até a gesticulação; os sinais paralinguísticos se referem à altura do som voz e ritmo e a última categoria os conteúdos semânticos.

Ao desenvolver essa discussão teórica, o autor focalizou as interações verbais face a face, considerando a língua em sua modalidade falada. É importante salientar que a interação verbal face a face é bem mais complexa do que a interação escrita, pois os participantes de uma conversação têm expectativas convencionais sobre o que é considerado normal e o que é considerado marcado em termos de ritmo, volume de da voz, entonação e estilo de discurso. Segundo o autor ao sinalizar uma atividade de fala, o falante também sinaliza as pressuposições sociais em termos das quais as mensagens devem ser interpretadas (GUMPERZ, 1998).

A diversidade linguística está presente nas interações comunicativas entre os falantes em realizações e ações discursivas. Portanto, de acordo com Neves (2006), quando trata sobre a gramática de uso, a língua padrão e suas variações são igualmente valorizadas, e o que as especifica é a circulação em diferentes gêneros discursivos, uma vez que traz interlocutores que assumem papéis sociais definidos, no qual

A língua é usada (e, portanto, organiza estruturas) a serviço de metas e intenções do falante (que são tomadas e realizadas em relação aos ouvintes), e é da organização dessas metas que emerge a ação ou a realização de ações discursivas (NEVES, 2006, p. 25).

Assim, tanto a língua padrão quanto as suas variações são interdependentes, mas cada uma delas com características próprias, dentro do contexto em que circula. Por esse motivo, não são reciprocamente traduzíveis. Dessa maneira, seria interessante que os livros didáticos apresentassem um mapeamento das variáveis e

das variantes regionais, sociais e estilísticas, as quais devem ser sistematizadas com os alunos de forma gradativa, abrangendo situações formais de língua escrita.

De acordo com Gumperz (1998) quando o indivíduo fala ou escreve, os significados se constroem pelas palavras, mas também pelos gestos, pelo tom da voz, pelas marcas linguísticas de intencionalidade e dos recursos prosódicos.

Maingueneau (1997) chama de “tom” o conjunto do que é dito e de como é dito pelo falante/escritor ao interlocutor, e considera que cada cultura desenvolve determinados estereótipos de “tom” positivo: “trata-se, de acordo com o estatuto dos autores e dos destinatários, de um tom moderado, alegre, sem rupturas, variado” (MAINGUENEAU, 1997, p. 46).

Para esse processo de sentidos de intencionalidade pelo falante/escritor, sempre há novos textos e gêneros discursivos, pois eles emergem a cada momento. Por isso, é imprescindível estudar recursos como humor e emoção.

Dessa forma, “para poder associarem imagens e textos, o gibi ajuda as crianças a aprender a ler e avançar rapidamente na leitura” (PEREIRA, 1998, p. 11).

Por conta dessa afirmação, acredita-se que dos textos e desenhos, ao se observar, esses podem apresentar um conjunto de informações que despertem o interesse por esse tipo de leitura. Diante desse interesse em relação às histórias e o uso das TQ estudados nas escolas, seria eficaz como um recurso facilitador da leitura.

A recomendação de usar tiras em quadrinhos nas escolas consta no documento dos PCNs, dedicado ao ensino da língua portuguesa. Nas TQ, poderão ser exploradas duas formas riquíssimas de expressão cultural, a literatura e as artes plásticas. Isso as torna uma fonte preciosa de inspiração para as iniciativas didáticas pela linguagem, pela qualidade das ilustrações e podem também dar sua contribuição às aulas em sala.

Geralmente, as TQ vêm como forma de expressão da cultura cômico-popular, da ironia e da forma humorística, que tão bem caracteriza esse gênero, podendo ser uma boa ferramenta para conduzir práticas discursivas, a fim de que os alunos se conscientizem de que a escola não é um mundo à parte.

Esses fatores contribuem não só para conquistar a preferência dos leitores, como também para incrementar a fluência da leitura em sala. Na verdade, determinadas TQ demandam várias estratégias de leitura, sendo quase sempre destinadas apenas aos “iniciados” nos enredos de seus personagens e em outros

casos, as TQ podem ter a função didática, sendo utilizadas para dar instruções ou para persuadir, em campanhas educativas.

Essas várias formas de se trabalhar com as TQ vão depender do professor. Cabe a ele introduzi-las para cada objetivo que pretende alcançar. Nas atividades de leitura, a exploração de vários aspectos da produção de sentido, ou seja, a base das atividades. As tiras, por exemplo, é um subtipo de TQ mais curta, são usadas tanto para produzir humor, como também satirizar os aspectos econômicos e políticos do país. Tendo também a possibilidade de dupla interpretação semântica enunciativa e discursiva.

No Ensino Fundamental, estuda elementos icônicos, como a forma e o contorno dos balões, o tamanho e o tipo de letras, os sinais usados no lugar das letras, a disposição do texto, por exemplo. Tudo isso, com a produção do sentido e com as peculiaridades do gênero, constitui sem dúvida, um material rico para o entendimento dos múltiplos usos da linguagem nas TQ. Ainda assim, observa-se o prazer com que os alunos participam da aula em ler as TQ e até criar.

Mendonça (2005) apresenta a habilidade de dosar contextualização, implicitude e explicitude das informações em texto, a qual pode ser desenvolvida com o gênero textual das TQ.

Como cita Costa-Hübes (2011), quando estudou as marcas da interação que são determinadas pela discursividade do gênero história em quadrinhos,

[...] é pelos enunciados que um indivíduo interage com o outro e é por meio de um gênero que esses enunciados se concretizam e ganham força para agir sobre o outro, revelando ideias, vontades, medos, conflitos, conhecimentos (COSTA-HÜBES, 2011, p. 186).

Isso pode ser observado no uso das interjeições e nas locuções interjetivas utilizadas nas TQ que serão analisadas no capítulo IV.

2.4.1 A linguagem da imagem visual, verbal e não verbal nas tiras em quadrinhos

Nas TQ, há várias maneiras de utilizar a imagem verbal e o não verbal, como o *Requadro*, que vem a ser a moldura que circunda os desenhos e textos de cada quadrinho ou vinheta, como pode se observar na TQ a seguir:

FIGURA 01: Tira de Mauricio de Sousa

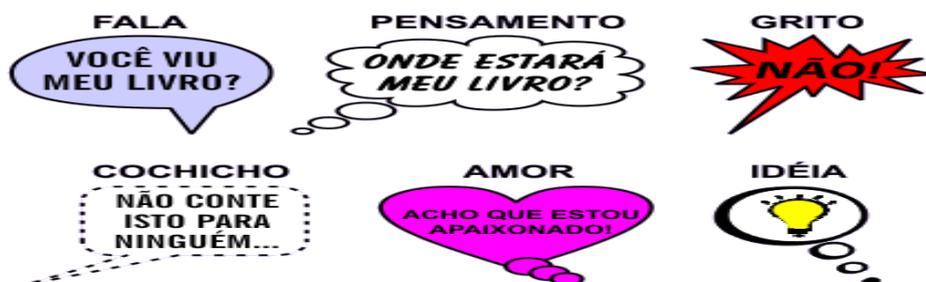


Fonte: Acesso em: 15 de mar.2012 <<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas>> Disponível em: 15 de mar.2012.

Essa forma da parte da linguagem de imagem visual e não verbal dos quadrinhos – o *requadro* - limita o espaço onde se colocam objetos e se passam as ações da narrativa. Se suas linhas forem onduladas, pode tratar-se de sonho, delírio ou recordação do personagem, como é o caso narrado nessa TQ. A ausência de *requadro* remete a um espaço ilimitado, infinito de interpretações de um *processamento linguístico* e enunciativo de uma forma discursiva.

Outro elemento não verbal – o *Balão* - é uma convenção gráfica onde é inserida a fala ou pensamento do personagem, integrou-se à linguagem dos quadrinhos desde sua utilização em charges políticas publicadas em jornais ingleses, no final do século XVIII. Como, há também – o *rabicho* (apêndice que sai do balão em direção à cabeça do personagem), que indica ao leitor quem está falando; quando o *rabicho* se dirige a um personagem que está fora do *requadro* e da cena mostrada, trata-se de uma fala em *off*. Os mais comuns são estes:

FIGURA 02: Tipos de Balões



Fonte: Acesso em: 28 de ago. 2017 <<http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos>> Disponível em: 28 de ago. 2012.

O *balão da fala*: representa o diálogo das personagens; o *balão do pensamento*: liga-se à personagem por bolinhas, traduz suas reflexões; *balão do grito*: a linha do balão é irregular, esse balão aparece para expressar não só a exaltação da personagem, mas também algum som emitido por televisão, rádio, alto-falante; o *balão do cochicho*: a linha do balão é tracejada. Além desses formatos, outros ainda são empregados pelos autores, de acordo com o estilo e a criatividade de cada um. Um recurso muito utilizado é a variação do tamanho, formas e cores de letras. Procurando expressar, dessa maneira, algumas reações, sentimentos e sensações das personagens.

De acordo com Ramos (2009), o balão da fala é o recurso mais utilizado nas TQ, pois, toda a expressão linguística que não está dentro do balão adquire um sentido diferente e particular. Ou seja, o balão dá a entender que há continuidade da fala ou do pensamento do personagem, ganhando informações enunciativas e expressivas da linguagem utilizada, uma vez que,

Os balões são muito importantes em uma tirinha, pois são eles que mostram a linguagem verbal. Essa linguagem, por sua vez transmite não só a fala, mas os sentimentos e, ainda, contribui para enfatizar as ações das personagens. Essa diversidade de funções dos balões é tida por meio de efeitos variados em seus contornos, o que, de certa forma, revela, um código próprio na linguagem dos quadrinhos. Assim, esse código de sentido se originou dos diferentes tipos de balões anteriormente. Contudo, sozinhos, os balões não conseguem expressar a mensagem que uma tirinha quer transmitir, pois é preciso que a linguagem verbal esteja em perfeita harmonia com o visual (RAMOS, 2009, p. 36).

Desse modo, cada efeito que o balão atribui à expressão dos personagens é percebido por meio das variações que o contorno do balão revela, uma vez que elas “formam um código de sentido próprio na linguagem dos quadrinhos” (RAMOS, 2009, p. 36). Portanto, há vários tipos de balões que são empregados nas TQ.

Outra linguagem muito utilizada nas tiras em quadrinhos são os recursos estilísticos, como é o caso das onomatopeias. Isso pode ser verificado na TQ, a seguir:

FIGURA 03: Tira de Mauricio de Sousa



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: Acesso em: 15 de mar.2012 <<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas>> Disponível em: 15 de mar.2012.

A linguagem das *onomatopeias* representa ruídos (explosões, socos, tiros, objetos quebrados, colisões, entre outras), por meio de palavras (BUM! SOC! CRASH!), que podem se iconizar e ser consideradas, ao mesmo tempo, linguagem verbal e iconográfica. As *onomatopeias* podem variar de país a país, “na medida em que diferentes culturas representam os sons de acordo com o idioma utilizado para sua comunicação” (RAMOS et alii, 2010, p. 62).

As linguagens das *onomatopeias* são bastante utilizadas na literatura, mas constituem uma convenção específica nas TQ pela sua plasticidade e sugestão gráfica, ocupando um importante papel na interação comunicativa entre escritor/leitor. Em geral, as *onomatopeias* são grafadas independentemente dos balões, em caracteres grandes, perto do local em que ocorre o som que representam.

Outro recurso estilístico utilizado é o da *metáfora visual*, que se constitui de signos que ganham uma conotação e características diferentes e são utilizadas em histórias em quadrinhos, como o surgimento das *estrelas* (indicando que o personagem está ferido e sente dor), a *lâmpada acesa* sobre a cabeça (significando que o personagem teve uma ideia), *corações* (mostrando que o personagem está apaixonado), *serrote cortando uma tora* (dormir, roncar como uma serra), um *espiral sobre a cabeça* (significando que o personagem está sentindo tontura), o ícone *cobras* e *lagartos* (demonstra que o personagem está xingando ou demonstra o sentimento de raiva), entre outros elementos icônicos. “As metáforas visuais possibilitam um rápido entendimento da ideia. Elas podem estar localizadas dentro

ou fora dos balões” (RAMOS, 2010, p. 54). Sua variedade é infinita. Como na TQ a seguir:

FIGURA 04: Tira de Mauricio de Sousa



Fonte: Acesso em: 15 de mar.2012 <<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas>> Disponível em: 15 de mar.2012.

Reitera-se o que sinalizam Fonzi e Sancipriano (1975, apud MARCUSCHI, 2007, p. 121), quando citam que “a metáfora é a um tempo mágica e lógica, subjetiva e objetiva, interior e comunicativa, sua força reside no próprio fato de nela se conciliarem pólos diferenciados”. Para entender o que foi proposto pelos autores, Marcuschi (2007) diz que esse processo metafórico se dá pela substituição da noção de transposição e comparação, mas pela fusão de campos semânticos de composição e criação pelo indivíduo.

De acordo com os estudos de Durão (2004),

A leitura de HQs pode ser imensamente facilitada se forem explicitadas suas características verbais preponderantes (personagens, onomatopeias, etc.), assim como seus aspectos não-verbais (balões, símbolos gráficos, etc.), de modo que os leitores possam ultrapassar os limites de uma leitura intuitiva e superficial e atingir o nível de uma leitura consciente e aprofundada, com plena consciência dos dois tipos de linguagem em jogo (DURÃO, 2004. p. 165).

Os recursos prosódicos e os marcadores conversacionais (repetições, truncamentos, hesitações, entre outros) são muito utilizados em TQ e, por isso, é pertinente que se interpretem essas formas, que apresentam uma riqueza de dados da semântica enunciativa e dos recursos da discursividade sob o ponto de vista

sócio-interacional de envolvimento que se volta para a expressão das intenções do falante nesse gênero textual comunicativo.

Pode-se dizer que as características de um dado gênero textual influenciam na linguagem e na escrita do aluno. E, à medida que o aluno passa a conhecer e a fazer uso dos vários gêneros textuais e discursivos, esses conseguem aprender a linguagem quanto ao conteúdo de mundo e da escrita.

O uso de gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa possibilita a ampliação e a construção de novos conhecimentos.

Para isso, o docente precisa conhecer e dominar os gêneros para poder trabalhar adequadamente, pondo em “prática o processo de letramento e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita” (NADAL; RAUPP, 2009, p. 4).

Dessa forma, pode-se dizer que o ensino da língua e da cultura deve estar pautado em prática interacionista de linguagem, na qual se consideram os sujeitos e a sua relação com a língua. Pode-se trabalhar a partir de produções significativas, sejam orais ou escritas, e não por meio de processos descontextualizados, pois é no discurso que a linguagem se transforma e constrói formas de expressividades linguísticas e não linguísticas, as quais serão discutidas no capítulo IV Análise e discussão das “tiras em quadrinhos”, com a análise e discussão das TQ.

CAPÍTULO III

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nosso objetivo, neste capítulo, é apresentar e refletir sobre os pressupostos teóricos de pesquisa, a base sobre a qual pode se construir o estudo para poder iluminar os dados dessa investigação linguística.

Para tanto, parte-se de uma reflexão sobre os estudos bakhtinianos do sujeito interagindo com a língua/linguagem quanto à forma, quanto à função da interjeição e das locuções interjetivas nos compêndios da Gramática da Língua Portuguesa, trazendo uma reflexão sobre cultura e ensino e a trajetória na construção do conhecimento das interjeições e locuções interjetivas com conceituações de dicionários, de livros didáticos e das gramáticas de língua portuguesa, utilizados no Ensino Fundamental e Médio. Realiza-se, também, uma reflexão sobre a abordagem da significação semântica argumentativa, de situações discursivas e dos recursos da pragmática, dos atos de fala e da análise da conversação para poder analisar e interpretar os dados coletados nas TQ, observando a comunicação de imagem visual, não verbal e verbal no processo sociocultural.

3.1 ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA E A LINGUAGEM

Refletir sobre a língua/linguagem quando o sujeito se comunica e se constitui neste contexto. Ou seja, é a através da língua/linguagem que o sujeito dialoga com o outro, na comunicação de forma de imagem, do não verbal e do verbal.

Pensar a língua/linguagem, nesse sentido, é fundamental para se refletir sobre a maneira que o sujeito apresenta no discurso seus valores, suas crenças, suas verdades, como significa o mundo a sua volta e ressignifica quando utiliza as interjeições e as locuções interjetivas, no seu discurso ou nos seus multidiscursos com os quais dialoga.

Dessa maneira, nas concepções de Bakhtin/Volochínov (2004) é proposto uma metodologia para o estudo da língua/linguagem da sociedade e das relações sociais: primeiro não separar a ideologia da realidade material do signo; segundo

não separar o signo (verbal ou não-verbal) das formas em que se materializa a comunicação social; e, terceiro não dissociar as formas da comunicação social e a própria comunicação da realidade.

As reflexões acerca da natureza da língua/linguagem permeia todos os estudos de Mikhail Bakhtin, mas é especialmente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que se discute mais objetivamente a concepção de língua/linguagem que norteia seus estudos, vinculando-a a uma percepção de sujeito, de mundo e de signo que sublinha a dimensão sócio-histórica e pluricultural.

Bakhtin/Volochínov (2004) ao discutir o objetivo abstrato – o qual situa em direta oposição ao subjetivismo individualista levanta quatro proposições no qual sua oposição é clara: (1) a língua é compreendida como sistema estável e imutável regulado por normas que lhe são próprias, o que a descola da interação social; (2) as leis que regem a língua são de natureza linguística específica e concernem à relação entre signo linguístico dentro de um sistema fechado; (3) não há vínculo entre língua, a ideologia e os signos são arbitrários, portanto, não há vínculo *natural* e *compreensível* para a *consciência* entre a palavra e seu sentido; (4) os atos de fala (os enunciados a elas atrelados) constituem refrações, variações ou mesmo transformações das formas normativas (justamente por isso, não são objeto da linguística).

Assim, de acordo com Bakhtin/Volochínov (2004, p. 93) “para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível”. Ou seja, quando o sujeito ao fazer uso da língua, não o faz pensando em um sistema de formas linguísticas, como também não nega a existência desse sistema em uma dada língua, porém não aceita a sua rigidez, sua imutabilidade e seu deslocamento da esfera social. Esse sistema é visto, sob a perspectiva bakhtiniana como produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão essa que não serve de base às finalidades imediatas da comunicação social. Nesse sentido, o sujeito faz uso da língua com vistas à enunciação; o que importa ao sujeito nesse movimento não é a conformidade à norma que rege as formas linguísticas da qual faz uso, mas sim a significação que essas formas podem adquirir no contexto da sua enunciação.

De acordo com Bakhtin/Volochínov (2004) o caráter plurivocal do signo, a sua mobilidade, a qual implica, por conseguinte, a mobilidade da língua/linguagem, vinculam-se à maneira como se relacionam no contexto da interação concreta, já os

sujeitos tratam da língua/linguagem e do contexto social mais amplo, no contexto de cada interação concreta em particular, ressoam as influências de outras interações já vivenciadas pelos sujeitos e daqueles que ainda estão por acontecer, as quais inferem a materialização do querer-dizer do sujeito nos textos-enunciados que circulam no âmbito das diversas esferas da atividade humana (os multidiscursos vivenciados pelo sujeito) e que vão ao longo do tempo, ganhando contornos mais ou menos específicos.

Essa articulação entre a interação concreta e a situação extralinguística, entre uma interação particular, em suma, aquelas que a antecederam e as que a sucederão, é o que confere à comunicação verbal o caráter de cadeia infinita, cujos elos se estendem tanto em direção ao passado, quanto em direção ao futuro; imprimindo mobilidade à língua. Assim, Bakhtin/Voloshínov (2004) trata sobre o entrelaçamento entre a comunicação verbal e outros tipos de comunicação, uma vez que, no contexto da interação comunicativa, está sempre atrelada a “atos simbólicos de caráter não verbal” em relação aos quais ela tem, por vezes, a função de servir apenas como complemento. Ou seja,

Na vida, o discurso verbal é claramente auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 118).

Portanto, essa perspectiva parte dos estudos das formas e tipos da interação verbal em articulação às particularidades da situação em que a interação se efetiva; passa pelo estudo das formas das diversas enunciações e das suas particularidades, às quais, estão estreitamente vinculadas à situação de interação imediata, mas também ao contexto social mais amplo, ou seja, os estudos dos gêneros textuais e do discurso (aqui no caso as “tiras em quadrinhos”) em articulação com as esferas em que se constituem e as interações que nesse espaço se materializam, para então chegar ao estudo das formas da língua propriamente ditas.

Em relação ao estudo desenvolvido pelos linguistas, tendo como finalidade o ensino de línguas, Bakhtin/Voloshínov (2004) aponta a necessidade de criar materiais adequados, para tanto em muito influenciou o pensamento linguístico.

Também nesse campo, a atenção dos linguistas voltou-se principalmente para o ensino e aprendizagem de línguas, o que se pretende exemplificar o ensino e aprendizagem do português nos Compêndios das Gramáticas, tratando sobre as interjeições e a locuções interjetivas.

Retoma-se o que Bakhtin/Volochínov (2004) trata quando reflete sobre a língua que é compreendida como sistema estável e imutável regulado por normas que lhe são próprias, o que a descola da interação social, ou seja, quanto ao estudo da gramática que vem a ser um dos meios de conhecer a normatização ou a língua padrão. Esse conhecimento é a principal forma de que o aluno tem acesso para que possa distinguir a forma normativa da diversidade linguística, essa última valorizada em diversas situações contextuais, buscando a formação de usuários competentes da língua e capazes de usá-la de modo adequado a cada situação de comunicação verbal (oral e escrita) ou na linguagem comunicativa de imagens na interlocução entre os sujeitos.

A postura de que no ensino de língua materna, é possível “ensinar a língua, o que resulta em habilidades de uso da língua”, habilidades no sentido de dominar, de ter competência comunicativa e conseguir interagir conforme a situação necessária e ocasional. Bem como “ensinar sobre a língua, o que resulta em conhecimento teórico (descritivo e explicativo) sobre a língua e pode desenvolver a habilidade de análise de fatos da língua” (TRAVAGLIA, 2004, p. 77), conhecimento teórico no sentido de ter percepção sendo um conhecedor, formador de opinião, analista e crítico.

A língua, neste trabalho, é concebida como um instrumento de comunicação e interação verbal, estruturada em torno de regras, norma e convenções sociais. Em geral, o tratamento dado à interjeição e às locuções interjetivas nos compêndios das Gramáticas são poucos e sucintos. É comum encontrar a descrição de exemplos classificados pela função discursiva sob o aspecto da “emocionalidade”.

Nos estudos da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008), após introduzirem as classes de palavras, subdivididas em “morfemas lexicais” (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios de modo) e “morfemas gramaticais” (artigos, pronomes, numerais, preposições, conjunções, outros advérbios), estes autores acrescentam que “a interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer classificação”. Mais adiante, os autores dedicam uma página à

interjeição, definindo-a como “uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 577).

Portanto, Marcuschi (2007) cita a interjeição no contexto de fala, quando informa que o valor da interjeição “depende fundamentalmente do contexto e da entonação” (MARCUSCHI, 2007, p. 134).

Para Schneider (1977 apud TRAVAGLIA, 2004, p. 91), “a interjeição não é uma classe de vocábulos, seria apenas um elemento da linguagem emotiva e não da linguagem intelectual”.

Marcuschi (2007), declara ainda que as interjeições são

gramaticalmente periféricas no sentido de que não entram em construções com outras classes de palavras e são apenas frouxamente conectadas às frases com as quais elas parecem estar ortograficamente ou fonologicamente associadas (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

Portanto, muitas vezes não se dá a devida importância ao uso das interjeições, quando são tratadas “ortográfica e fonologicamente associadas”, quando os estudiosos da área sugerem que a interjeição não seja parte integrante do sistema linguístico. Marcuschi apresenta “duas razões para excluí-las da análise linguística: a) Não se integram à sintaxe das frases; b) Não são palavras da língua” (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

Com isso, a interjeição recebe uma liberdade de uma forma não estruturada para o uso expressivo de vocalizações na conversação, recebendo com isto o lugar específico no ato da conversação.

A interjeição é situada no espaço discursivo que Marcuschi (2007) definiu como a pragmática da comunicação. De acordo com o autor, a pragmática é “um estudo da linguagem com as funções comunicativas” (MARCUSCHI, 2007, p. 135), descrevendo esse trabalho entre a gramática e a pragmática, ou seja, a língua enquanto forma linguística e a linguagem enquanto uso. Ainda, para o autor, “a contribuição das interjeições da gramática para o processo comunicativo atinge o seu mínimo, não obstante há relativa frequência na conversação” (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

Nos estudos realizados por Marcuschi (2007) o autor referencia Ehlich (1986), para verificar sua posição a respeito das interjeições:

O tratamento linguístico das interjeições exige uma análise formal e funcional combinada. Deveria ser realizada em expressões individuais. Afim de não fazer da interpretação tradicional ligada à emoção um ponto de partida prejudicial, trato aqui uma interjeição que por longo tempo sequer foi reconhecida como tal (EHLICH, 1986 apud MARCUSCHI, 2007, p. 136).

Portanto, Ehlich (1986), citado por Marcuschi (2007), vê a interjeição como expressão gráfica da expressão emotiva. O critério utilizado para tal classificação foi a função emocional, sobre a qual o autor propõe uma mudança nessa perspectiva de abordagem.

Ainda segundo Marcuschi (2007), a interjeição é um fenômeno linguístico universal do ponto de vista de sua materialidade e do ponto de vista de sua funcionalidade comunicativa. Além disso, a interjeição é um signo arbitrário que se torna convencional mediante seu uso intencional. Não é apenas uma simples imitação de sons onomatopéicos: ela se situa no contexto da língua de tal modo que os fonemas que constituem as interjeições são os mais comuns da língua portuguesa. Interjeições como “*ah!*”, “*ih!*”, “*pô!*”, não obedecem ao princípio de dupla articulação e se articulam fonologicamente, permanecendo dessa maneira isoladas do ponto de vista morfosintático.

Marcuschi (2007, p. 138) afirma que, “se por um lado a interjeição parece formar uma classe de palavras, por outro, serve-se de elementos linguísticos pré-existentes e pertencentes a outras classes de palavras”. O autor parece admitir que a interjeição não forma classe de palavras e sim classes de funções discursivas com características bastante discursivas, como os marcadores conversacionais e as hesitações. Certamente, o tratamento dado às interjeições quanto ao fato de serem ou não uma classe de palavras é uma das questões menos relevantes, sendo que suas características não residem na sua classe gramatical e sim na sua função discursiva.

A maioria destes estudiosos citados concorda em um ponto: que as interjeições constituem unidades lexicais pré-existentes na língua, sendo exemplos as seguintes expressões: *pfui*, *pô*, *ôba*, *êpa*, *óh*, *chí*, *bá*, *eita*, entre outras. Trata-se de um tema muito particular e presente em todas as línguas, com características semelhantes. São sons adequados para expressar intenções de forma imediata, situando a interjeição sempre em contexto de vivacidade e reproduzindo momentos de uma posição pessoal. Dessa forma, a interjeição se vincula a gêneros textuais e

discursivos mais espontâneos como é o caso das TQ, em que o envolvimento das interjeições é maior do que a informação linguística.

Para Marcuschi (2007), “as interjeições são fenômenos essencialmente discursivos e nesta perspectiva acham-se perfeitamente integradas na estrutura ilocucional do texto” (MARCUSCHI, 2007, p. 140), revelando, sobretudo, uma postura pessoal e os traços de decisão dos interlocutores quanto às suas intenções, e não simples questão de emocionalidade, como é reiterado pelos gramáticos.

A língua não é sistema fechado, pronto e acabado, do qual se pode apropriar: ela é mais ampla e complexa, permite a comunicação e a interação. Para Geraldi (2002),

Uma língua é um conjunto de recursos expressivos, conjunto não-fechado e sempre em constituição. Estes recursos expressivos remetem a um sistema antropocultural de referências, no interior do qual cada recurso adquire significação. Este sistema, também é certamente aberto porque é histórico, está sempre em modificação, refletindo as mudanças que sobre o mundo vamos produzindo na história e nossas compreensões desta mesma história (GERALDI, 2002, p. 68).

A linguagem é o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito. Desse modo, a linguagem, nesta pesquisa, adquire uma função mais ampla que o simples fato de comunicar, de forma passiva e mecânica, pois se insere à perspectiva real do ato de interação dos interlocutores. Para Geraldi, “a língua é uma destas formas de compreensão, do modo de dar-se para cada um de nós os sentidos das coisas, das gentes e de suas relações” (GERALDI, 2002, p. 67).

O objetivo desse estudo não é dizer que se aplica a diversas teorias, e, sim, mostrar que não se pode desconhecer dos fatos da ciência, com uma postura equivocada sobre o estudo científico da língua, o que pode gerar “preconceitos e/ou sensações de incompetência frente à própria língua que fala” (TRAVAGLIA 2004, p. 96).

Ainda, de acordo com o autor, para se escolherem as teorias a serem trabalhadas em sala de aula, é preciso valer-se de critérios diversos, tais como:

- a. Seus objetivos para dar teoria; b. A qualidade da teoria, ou seja, se ela é capaz de descrever/explicar todos os elementos envolvidos no fato/fenômeno em observação; c. Sua simplicidade; d. Se a teoria chama a atenção para aspectos que se considera

importante observar, descrever, explicar nas atividades de ensino/aprendizagem (TRAVAGLIA, 2004, p. 96).

Certamente, tudo isso tem consequências que não se pode desprezar, na estruturação do ensino de língua portuguesa e nas atividades desenvolvidas.

Para Travaglia (2004), desenvolver a competência comunicativa é possibilitar a utilização, de modo adequado, das variedades da língua, levando o falante a utilizar o maior número de recursos disponíveis na língua para a comunicação competente.

Assim, a linguagem deve ser concebida no espaço da interação humana, uma vez que a produção de sentidos é feita numa dada situação de uso, num contexto sócio-histórico e ideológico específico. Logo, pode-se afirmar que “[...] é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito em relação a outro” (BENVENISTE, 1976, p. 286).

A esse propósito, Bakhtin/Volochínov (2004, p. 96) declara que “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida”. Na concepção bakhtiniana, a linguagem é entendida como um fenômeno de duas faces, articulada à história e à ideologia: cada enunciado está orientado para um interlocutor, dentro de uma situação social.

Parece evidente que o conhecimento da teoria gramatical, enquanto ciência de estudo, não tenha aplicabilidade para a maioria das pessoas e profissionais. Alguns profissionais não precisam de conhecimentos teóricos sobre a língua para exercer sua profissão. Esse é um forte argumento para não se trabalhar com teoria gramatical no Ensino Médio e Fundamental e, sim, dizer que isto é função de cursos na área de Letras e Linguística. Isso pode ser verdade, mas é necessário que o sujeito tenha uma dose de conhecimento teórico-científico da língua, isso porque a sociedade e a cultura exigem de seus cidadãos certos conhecimentos, embora não tenham aplicabilidade à vida prática, mas são vistos como aspectos importantes para a formação do indivíduo como cidadão.

3.2 CULTURA E ENSINO

O conhecimento teórico-científico da língua é importante para a formação do indivíduo como cidadão, pois sem tais informações seu conhecimento apresentará lacunas que podem atrapalhar a compreensão dos discursos que circulam na

sociedade e em outras áreas da vida sociocultural, vistas como importantes para melhor qualidade de vida.

Perini (1995), diz que as razões que justificam um conhecimento da teoria gramatical sobre a língua para o Ensino Fundamental e Médio são as mesmas que justificam a preocupação de propiciar ao aluno conhecimentos de outras ciências.

Portanto, “essa massa de informações científicas é parte importante do corpo de conhecimentos comuns às pessoas instruídas, e sua presença nos permite a comunicação no nível exigido pela sociedade moderna” (PERINI, 1995, p. 30). Isso quer dizer que o cidadão pode participar de trocas comunicativas desde que haja conhecimento de mundo. É por esse motivo que o fenômeno social (língua) dá forma a tudo o que o indivíduo se constitui: o pensar, o sentir com o grupo social e cultural na sociedade.

A escola traz em seu interior uma série de diversidades culturais expressas nas histórias de vida dos seus alunos e esse conhecimento sobre a ideia de cultura é relevante para o enfrentamento adequado das relações culturais na escola.

Sobre esse enfrentamento, McLaren (2000) realiza uma discussão a respeito do multiculturalismo nas narrativas de vivências culturais e de linguagem. Para o autor,

Narrativas formam um contrato cultural entre pessoas, grupos e o nosso universo social. Se as narrativas dão significados às nossas vidas, precisamos entender o que são essas narrativas e como elas vieram a exercer tal influência sobre nós e nossas alunas e alunos (MCLAREN, 2000, p. 162).

O autor ainda declara que “todas as identidades culturais pressupõem uma certa intencionalidade narrativa e são informadas por histórias particulares” (MCLAREN, 2000, p. 162).

A partir dessas atitudes de respeito à diferença cultural é que se constroem nos indivíduos diferentes maneiras de ser e de ver as coisas, desenvolvendo o conhecimento do mundo. Um dos desafios do trabalho com a diversidade no âmbito educacional é formar profissionais capazes de multiplicar a necessidade da convivência respeitosa com os mais variados tipos de diferenças encontradas. Para Cavalcanti (2001),

A sala de aula com seus alunos e professor é examinada como um micro cosmo que faz parte do macro cosmo constituído pela escola, pelas famílias dos alunos, pela comunidade onde vivem e pela sociedade envolvente (CAVALCANTI, 2001, p. 49).

A escola se constitui como um microcosmo da sociedade, lugar de encontro das mais variadas classes sociais e étnicas, entre outras diferenças culturais. Cavalcanti (2001) desenvolveu um Projeto de Pesquisa em contextos sociolinguisticamente complexos, que visa contribuir com a formação de professores para as escolas em comunidade de minorias bilíngues, indígenas e de imigrantes na zona rural ou nas regiões de fronteira no país. Como afirma ainda a autora,

Pelo fato de todas essas comunidades compartilharem da experiência de falarem variedades não prestigiadas do português, a pesquisa, por extensão, tem contribuição potencial para escolas de redes estaduais e municipais de ensino que atendem a maioria da população, 'maioria' essa tratada como 'minorias' invisibilizadas (CAVALCANTI, 2001, p. 44).

Os falantes dessas variedades de baixo prestígio de português não têm o reconhecimento da escola em relação à sua nação e à cultura de sua comunidade. Diante dessas diferenças, o trabalho pedagógico deve ser direcionado para a inclusão, para uma política e ética de convivência respeitosa, para a valorização das diferenças e não a exclusão destas por conta de um paradigma totalitário, que define como correto trabalhar com salas de aula homogêneas, onde os alunos falam o português de uma forma padrão e compartilham da cultura de elite. Vem daí a insistência de tratar e "em denominar essa 'maioria' como 'minorias' invisíveis" (CAVALCANTI, 2001, p. 45).

As diferenças culturais estão presentes nos traços linguísticos e pragmáticos do falar popular e aparecem com muita ênfase nas TQ. Isso não é novo, pois a diversidade linguística e cultural tem marcas nas obras literárias desde a Antiguidade Clássica. Ou seja, toda e qualquer situação enunciativa constitui certo tipo de ação sobre o mundo cujo êxito implica em um comportamento adequado dos interlocutores (personagens), que identificam o gênero ao qual o enunciado pertence no tempo e no espaço dos interdiscursos.

As interjeições e locuções interjetivas utilizadas pelos escritores nas TQ podem se confirmar como uma forma de cultura popular, pois na crítica literária apresentada por Bakhtin sobre *A cultura popular na Idade Média e no*

Renascimento: o contexto de François Rabelais, o autor cita que “Rabelais recolheu sabedoria na corrente popular dos antigos dialetos, dos refrões, dos provérbios, das farsas dos estudantes, na boca dos simples e dos loucos” (BAKHTIN, 1993, p.1).

Portanto, os usos linguísticos, como forma de expressão da cultura cômico-popular, da ironia e de certas formas linguísticas de práticas do cotidiano cultural, gêneros do vocabulário familiar e de certo público na literatura, são plurilinguismos que foram utilizados desde a Idade Média, refletindo em uma série de fenômenos de usos linguísticos quando

[...] a linguagem familiar da praça pública caracteriza-se pelo uso frequente de grosserias, ou seja, de expressões e palavras injuriáveis, às vezes bastante longas e complicadas. Do ponto de vista gramatical e semântico, as grosseiras estão normalmente isoladas no contexto da linguagem e são consideradas como fórmulas fixas do mesmo tipo de provérbios. Portanto, pode-se afirmar que as grosseiras são um gênero verbal particular da linguagem familiar. Pela sua origem, elas não são homogêneas e tiveram diversas funções na comunicação primitiva, essencialmente de caráter mágico e encantatório (BAKHTIN, 1993, p.15).

É nesse sentido que as TQ só fazem representar um real exterior, pois definem um contexto de prática social, cultural, regional e nacional. Esse gênero no discurso aparece como uma atividade social de um tipo particular, que se exerce em circunstâncias adaptadas, com protagonistas qualificados e de maneiras apropriadas sobre o momento e o lugar a partir dos quais os escritores enunciam os acontecimentos culturais e sociais do interdiscurso, como está caracterizado na situação enunciativa da representação dos atos de fala, dos recursos semânticos e pragmáticos que serão analisados nas TQ, no capítulo IV, deste texto dissertativo sobre as interjeições e locuções interjetivas utilizadas pelos escritores.

3.3 INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJETIVAS

As interjeições e as locuções interjetivas significam mais do que formas de exprimir fatos semânticos e discursivos de uma forma pragmática, podendo apresentar expressões linguísticas e discursivas de um estado de espírito do falante que as emitiu, ou seja, parte do discurso responsável pela representação da interioridade do sujeito falante.

Nesta pesquisa sobre as interjeições e locuções interjetivas quanto à forma e à função baseou-se nos estudos sobre *A interjeição em português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva* do linguista português Miguel Gonçalves, em 2002, quando este se reporta aos estudos de Wierzbicka (1991), de Ameka (1992) e de Evans (1992).

Wierzbicka (1991, apud GONÇALVES, 2002) estabelece um critério para classificar as interjeições a partir da taxionomia, o estado ou ato mental do falante. Assim, teremos as seguintes classes de interjeições: *emotivas*, *volitivas* e *cognitivas*. Não se trata de classes estanques nem totalmente homogêneas, já que pode acontecer de uma interjeição *cognitiva* apresentar um componente *emotivo*, ou que possamos dividir as interjeições *volitivas* em duas classes de desigual importância: uma classe dirigida aos animais (menor) e outra (maior) destinada aos seres humanos.

A autora apresenta as *Volitivas* (dirigidas a animais e a pessoas); as *Emotivas* e as *Cognitivas* centradas nas *Classes de Interjeições*. Isso pode ser visualizado no esquema proposto pela autora, a seguir:



FIGURA 05 – Esquema adaptado sobre Classes de Interjeições
 Fonte: Wierzbicka (1991 apud GONÇALVES, 2002, p. 342).

Assim, de acordo com os estudos de Gonçalves (2002), citando Wierzbicka (1991), apresenta-se o estudo sobre as interjeições:

1) *Interjeições volitivas* – a) as *interjeições volitivas dirigidas a animais* são expressões como, por exemplo: *cocoricó* em português, *kikeriki* em alemão e *cock-a-doodle-doo* em inglês, mesmo visando destinatários diferentes todos possuem em comum a mesma fórmula semântica básica; b) *Interjeições volitivas*

dirigidas a pessoas podem associar o significado básico comum à maioria das interjeições dirigidas a pessoas como: *Silêncio! Psiu! Coragem! Bravo! 2) As interjeições emotivas* podem expressar nojo ou sentimentos afins como gestos naturais associados a certos gestos físicos como, por exemplo: imitações do ato de vomitar, espirrar ou até mesmo o ato de cuspir. Mas poderemos cruzar tais gestos, linguisticamente, com a componente semântica “isto é mau” e “eu não quero isto”. Como conclui Wierzbicka (1991). 3) *As interjeições cognitivas* caracterizam-se por exprimir o estado mental do falante dispensando qualquer referência ao sentir e ao querer. Tomemos como exemplo a interjeição *Ah!* definida como a interjeição da alegria, da satisfação (WIERZBICKA, 1991, apud GONÇALVES, 2002, p. 339-342).

Esta conceituação mostra que se pode atribuir às interjeições, à semelhança dos outros elementos linguísticos, não só um significado, como apresentado pelos estudiosos citados, nas discussões anteriores, mas que esse significado pode ser identificado e entendido sob uma rigorosa fórmula semântica é indubitável, mas o que convirá também indagar é se as interjeições são elas mesmas identificáveis pelos falantes naturais, a partir das fórmulas propostas (GONÇALVES, 2002).

Entre os diversos modos ou critérios que se podem utilizar para classificar as interjeições está a *forma* e a *função*.

Para isso, apresenta-se o esquema, adaptado a partir da classificação dada para as interjeições, conforme Ameka (1992, apud GONÇALVES, 2002):

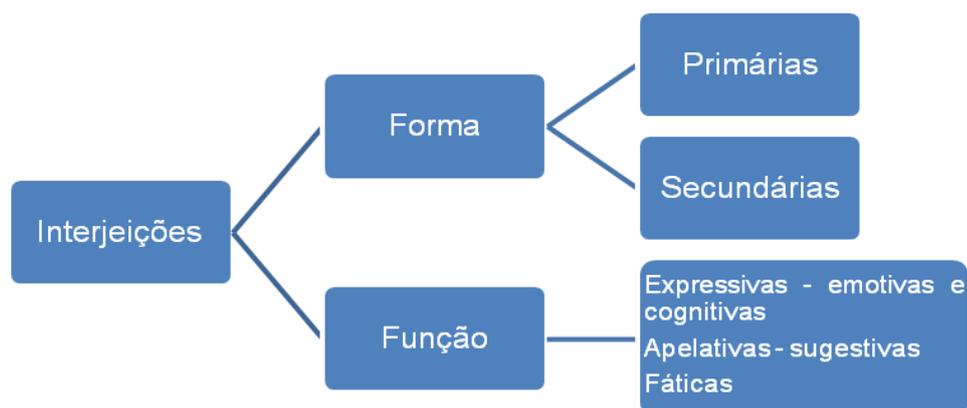


FIGURA 06 – Esquema adaptado sobre Interjeições
 Fonte: Ameka (1992, apud GONÇALVES, 2002, p. 344).

Quanto à *forma*, em sua dimensão formal podem se evidenciar divididas em duas classes: interjeições *primárias* e interjeições *secundárias*. As interjeições *primárias* (como *ah, ai, oh*) são termos que não possuem um significado intelectual e

se fixam estereotipados na língua. As *secundárias* são elementos (substantivos, verbos, frases) que perderam seu significado semântico e, como as anteriores, servem para o desabafo emocional momentâneo (*Deus!, Dá-lhe!, Minha mãe!, Será possível!*); e, outra classificação quanto à *função* comunicativa: *Expressivas – emotivas e cognitivas, Apelativas – sugestivas e fáticas* (AMEKA, 1992, apud GONÇALVES, 2002, p. 342).

As categorias mencionadas, podem se dividir em subcategorias, ou seja, dois grupos de interjeições *expressivas: emotivas e cognitivas*. As *expressivas* definem os gestos vocais que caracterizam o estado mental do falante, e, no grupo das *emotivas*, exprimem-se as suas emoções e sensações momentâneas. Assim “as *cognitivas* dizem respeito ao estudo gnosiológico e de pensamento do falante no momento em que profere a interjeição” (AMEKA, 1992 apud GONÇALVES, 2002, p. 344). As *interjeições cognitivas* caracterizam o estado mental do falante, dispensando qualquer referência quanto ao sentir e ao querer. Exemplifica-se com o exemplo “*aha!*”. Esta interjeição pode expressar o ato de confirmar, satisfação ou ironia. Independentemente, de se atribuir ou não idêntica importância a todos os sentidos dados à interjeição “*aha!*”, demonstra um tipo de súbita realização como “*agora eu sei isso*”. Portanto, as diferentes situações no qual se usa essa interjeição é compatível com a forma de dizer.

Na categoria das *apelativas*, as interjeições são dirigidas a um ouvinte com o intuito de despertar a sua atenção ou pedir uma ação ou resposta. As *apelativas/sugestivas* são as utilizadas para caracterizar a fala dos animais. As interjeições *fáticas* estão associadas à manutenção do contato comunicativo entre os indivíduos, integram-se a esse grupo as interjeições associadas à rotina, como, por exemplo as saudações, despedidas, boas vindas, como o exposto a seguir:

É esse o papel das vocalizações inglesas “*mhm*”, “*uh-huh*”, “*yeh*”, que, por conseguinte, integram este grupo, juntamente com as interjeições associadas a diversos actos de rotina interactivos, como por exemplo saudações e despedidas, boas vindas (AMEKA, 1992; EVANS 1992 apud GONÇALVES, 2002, p. 345).

As interjeições também podem provocar as mais diversas implicações de natureza psicofísica, como gritos (sons) que caracterizam as alterações internas, o que a diferencia de simples sons de animais. São significantes, ainda que não intencionais. Pode-se assinalar duas etapas importantes: na primeira, a passagem

do grito como simples sinal natural ou intencional; na segunda, a passagem do objeto sonoro inicial, do grito inarticulado, a grito articulado, ou seja, à interjeição propriamente dita. Como afirma Carvalho (1979), citado por Gonçalves (2002),

O som informe que saía dos lábios do ferido que faz inconsciente, torna-se num ai!, no qual esse gemido se conforma ou configura. Tal configuração continua porém ligada ao grito ou ao gemido que a fizeram nascer e aos quais serve apenas como molde ou forma (CARVALHO, 1979 apud GONÇALVES, 2002, p. 346).

Há uma proposta de classificação interna das interjeições admitindo a existência de três grandes conjuntos com algumas subdivisões:

1. Gritos articulados: - gritos articulados de sentido imitativo; - gritos articulados de sentido afetivo; 2. Marcas de conjuração: - injúrias ou insultos; - juras, pragas, imprecações e blasfêmias; - invocações; 3. Ditados e frases feitas (frases truncadas em utilização de fórmulas) (GONÇALVES, 2002, p. 346).

Colocar as interjeições no limite da hierarquia que estrutura a divisão do discurso em partes, implica a atribuição de um lugar também às restantes classes de palavras, ainda como uma modalidade privilegiada da expressão.

Cavaliere (2004) afirma que as interjeições também devem ser pensadas em dois planos distintos: o da descrição gramatical e o da descrição semântico-argumentativa. Segundo o autor, a descrição gramatical se preocupa em reduzir a descrição das interjeições de uma língua à tipologia tradicionalmente oferecida pelos gramáticos (pura ou primária, impura ou secundária, entre outras), enquanto a descrição semântico-argumentativa confere a uma maior possibilidade de entendimento dos usos da interjeição no discurso.

Para melhor entender a conceituação proposta pelos autores, ora discutida, utiliza-se a função que é dada pelos dicionários e pelas gramáticas da Língua Portuguesa.

3.3.1 Interjeições e as locuções interjetivas em dicionários e gramáticas brasileiras

Segundo a *Gramática da língua portuguesa* de Vilela e Koch (2001), as interjeições podem aparecer em forma de palavras (“Nossa!”), de locuções

interjetivas – conjunto de mais de uma palavra equivalentes – (“Só faltava essa!”) e de sons desarticulados (“Pst!”), sempre se fazendo acompanhar de sinal de pontuação indicativo de exclamação e/ou de interrogação; raramente, de reticências.

Ao consultar gramáticas de língua portuguesa, na discussão do item anterior sobre interjeições, encontra-se uma lista delas acompanhadas de seus sentidos mais comuns, porém, o quadro é relativo, pois a variedade de valores de cada interjeição é muito ampla. Vejamos alguns exemplos de interjeições e locuções interjetivas acompanhadas de seus respectivos valores, segundo Campos e Assumpção (2007).

– **advertência**: Cuidado! Atenção!; – **alegria, alívio ou admiração**: Ah! Puxa!; – **animação**: Coragem! Eia!; – **aplausos**: Viva! Bravo! Bem! Bis!; – **Chamamento ou apelo**: Ó! Psiu! Alô!; – **dor**: Ai! Ui!; – **desejo**: Quem dera! Queira Deus! Tomara!; – **desgosto**: Ora bolas! Ih!; – **dúvida ou suspeita**: Eu, heim?! Hum!; – **impaciência**: Puxa! Arre!; – **lamento**: Que pena! Bolas! Ah! Caramba!; – **resignação**: Paciência! Pronto! Tá!; – **satisfação**: Oba! Upa! Opa! (CAMPOS; ASSUMPÇÃO, 2007, p. 272 – grifos dos autores).

Apresentam-se, também, as interjeição e locuções interjetivas, de acordo com *O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*:

Palavras invariáveis que exprimem sentimentos e emoções de quem fala ou escreve. Além de interjeições simples, como *ai!* e *hem?*, há também, locuções interjetivas: *puxa vida!*; *meu Deus do céu!*; *que beleza!* Têm o valor de frases isoladas (sem função sintática dentro da oração), que exprimem sentimentos e emoções. Ex.: *Droga!* Deu tudo errado! (expressão de aborrecimento); *Nossa*, como essa menina cresceu! (expressão de espanto); *Viva!* Passei de ano! (expressão de alegria) (HOUAISS; VILLAR; MELLO FRANCO, 2008, p. 25).

Cita-se a mais antiga que se tem conhecimento, a *Gramática de Port-Royal* de Arnauld e Lancelot, que definem “as interjeições como palavras que nada significam fora de nós; são apenas palavras mais naturais que artificiais, que indicam os movimentos de nossa alma, como *ah!*, *ó!*, *heu!*, *hélas!*, etc.” (ARNAULD; LANCELOT, 1992, p. 136).

A *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, define interjeições como “[...] a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos” (BECHARA, 1999, p. 330). O autor apresenta também uma lista de 15 situações e

as interjeições mais comuns para cada uma delas (ex.: de exclamação: *viva!*; de admiração: *ah!*, *oh!*; de dor física: *ai!*, *ui!*; de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*; etc.).

Já, nos estudos de Câmara Jr. em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, define interjeição como uma:

[...] palavra que traduz, de um modo vivo, os estados d'alma. É uma verdadeira palavra-chave, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada (CÂMARA JR., 1977, p. 147).

O autor identifica três tipos de interjeições e locuções interjetivas:

a) Certos sons vocálicos, que na escrita se representam de uma maneira convencional fixa; ex.: *ah!* (onde a letra h em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português nesses casos); b) Verdadeiros vocábulos, já no domínio da língua; ex.: *arre!* – *olá!*; Uma locução interjetiva; ex.: *ora bolas!* – *valha-me Deus!* (CÂMARA JR., 1977, p. 147).

No livro didático *Português: contexto, interlocução e sentido*, do Ensino Médio, os autores definem “as interjeições como palavras invariáveis que exprimem sensações e estados emocionais” (ABAURRE; ABAURRE e PONTARA, 2010, p. 398).

Na *Gramática Reflexiva* do Ensino Médio, de Cereja e Cochar (2009), define-se a interjeição como “palavra que expressa emoções, apelos, sentimentos, sensações, estados de espírito”. Para os autores, a locução interjetiva “é um conjunto de duas ou mais palavras que, juntas, desempenham o papel de interjeição. Veja o exemplo: Você ainda acha que ele virá? Que esperança?” (CEREJA; COCHAR, 2009, p. 203).

Cunha e Cintra (2008) caracterizam a interjeição como

[...] uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções. A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjetiva depende fundamentalmente do contexto e da entonação (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 605).

Como pôde ser verificado nessa discussão, para as gramáticas as interjeições estão associadas a um estado de alma, um estado emocional, isto é, à transmissão, direta e clara, de uma emoção, de um sentimento ou de expressão do pensamento.

Para Fraser (1990) citado por Gasparini-Bastos (2005), alguns estudos tendem a englobar em uma mesma classificação interjeições e marcadores discursivos, elementos que diferem significativamente:

As interjeições apenas compartilham certas propriedades com os marcadores: são gramaticalmente periféricas e podem conter segmentos fonológicos que não aparecem em itens lexicais. Uma interjeição não é parte de uma sentença, mas uma expressão que codifica uma mensagem inteira envolvendo o estado emocional do falante (FRASER, 1990 apud GASPARINI-BASTOS, 2005, p. 107).

Diante dessas definições e ao analisar diferentes gramáticas, entende-se que as interjeições e as locuções interjetivas como categoria gramatical, recebem pouca atenção quando se trata de estudos e análises linguísticas. Frequentemente, nessas discussões restringe-se a explicação em apresentar uma definição estereotipada com poucos exemplos.

Em geral, o tratamento dado às interjeições e às locuções interjetivas não é muito pertinente ou é muito resumido quando exemplificam e classificam o enfoque da “emocionalidade”.

Portanto, Marcuschi (2007, p. 133) observa que a interjeição é muitas vezes o “único fenômeno linguístico exclusivo da língua portuguesa falada”, no sentido de que mesmo quando aparece na escrita, isso acontece no contexto de diálogo, ou seja, em representação da fala.

A análise linguística não pode perder de vista os contextos em que a interação acontece. Não basta que o aluno entenda o sentido das palavras ou o valor semântico-argumentativo das estruturas gramaticais usadas. O recurso ao contexto de uso do enunciado é fundamental para que se entenda, além do sentido, a intenção pretendida. Marcuschi (2007) ainda cita duas razões para se excluírem as interjeições da análise linguística, a primeira é que “as interjeições não se integram à sintaxe das frases” e a segunda é que “não são palavras da língua” (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

A ampliação da perspectiva da análise da interjeição como fator linguístico precisa acontecer. Nesse sentido, é necessário que os recursos argumentativos e

discursivos da semântica e da pragmática sejam necessários para poder analisar tanto quanto à *forma* como também quanto à *função* das interjeições e locuções interjetivas, para que se possa entender a língua como de fato acontece, na imensa heterogeneidade de seus usos e de suas formas.

Reitera-se a *Gramática* de Duden (1973, p. 339), quando o autor cita que “as interjeições são palavras da conversação particularmente apreciadas na linguagem efetiva, na gíria e na linguagem infantil, nas fábulas, nas canções populares e nas histórias em quadrinhos”.

Acredita-se que, nesta pesquisa, é importante utilizar as TQ para poder analisar e interpretar as interjeições e as locuções interjetivas, por meio dos gestos e ações dos personagens nas imagens, revelar sentimentos humanos conhecidos como comportamentos estereotipados. Os gestos reiteram a fala dos personagens em uma cena conjugando linguagem de imagem, não verbal e verbal, tornando as TQ atraentes para os receptores de diferentes faixas etárias. Daí a sua importância de uso para a escola.

No capítulo IV, sobre os estudos das “tiras em quadrinhos”, para a análise e discussão das TQ, o estatuto das interjeições e locuções interjetivas terá como base o linguista português Gonçalves (2002) quando cita os estudos de Wierzbicka (1991), Ameka (1992) e Evans (1992); e, dos estudiosos brasileiros Câmara Jr (1977); Marcuschi (2007); Cavalieri (2004);.

3.3.2 As Interjeições e as locuções interjetivas nas Tiras em Quadrinhos

A linguagem dos quadrinhos seleciona e apresenta símbolos concretos (sons, letras ou palavras) que servem de “pistas” para que o receptor complete as informações a partir das informações prévias, do seu conhecimento de mundo e da linguagem em questão. No caso de uma narrativa, por exemplo, o escritor seleciona as palavras, construções sintáticas e estruturas narrativas que lhe pareçam mais apropriadas para atingir os seus objetivos estéticos. O mesmo vale para o autor das histórias em quadrinhos, que precisa utilizar, da forma mais efetiva, os elementos dos quais dispõe.

As histórias em quadrinhos são marcadas por onomatopeias que muitas vezes são elementos raros e marginalizados, mas que, porém, são parte importante da linguagem, tanto que, hoje em dia, é praticamente impossível pensar em

onomatopeias sem pensar em TQ, e o mesmo é válido para as interjeições e as locuções interjetivas.

A diversificação dos temas das TQ levou à necessidade de reprodução de sons diversificados e à geração de novas onomatopeias. Sons ambientais “naturais”, como o do vento, água corrente, folhas farfalhando ou o barulho de aparelhos, máquinas de motores que circundam as cidades passaram a ser representados de diversas formas, assim como são percebidos diferentemente em cada ocasião e em relação com o seu papel na vivência narrativa.

Nas TQ, as características gráficas das letras usadas para grafar a onomatopeia, as interjeições e as locuções interjetivas são pertinentes à sua decodificação: a forma e o tamanho das letras são partes integrantes de efeito narrativo ao leitor, são características gráficas pertinentes utilizadas na visualização de sons e emoções. As interjeições e as locuções interjetivas são representadas, normalmente, em letras maiúsculas e o seu tamanho é relativo à emoção, ao sentimento, ao apelo ou até mesmo a um chamamento, como se exemplifica a seguir:

FIGURA 07: Tira de Dik Browne – Hagar



Dik Browne – Hagar. Em Folha de S. Paulo, 22/6/2000.

Fonte: BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. *Novo diálogo*: língua portuguesa. Ed. Renov. São Paulo: FTD, 2007, p. 328.

A TQ de Dik Browne apresenta um “diálogo” entre Hagar e seu cão, quando utiliza a palavra “**AU!**” com diferentes formas gráficas e a marca de estrelinhas para enfatizar os diferentes sentimentos sobre a dor do cão.

No primeiro quadro, o autor faz uso da interjeição para saudar o cão “*Olá, Sven!*”, em seguida Hagar pergunta: “*Como vão as coisas?*”, quando o cão responde com a interjeição *Volitiva*: “***Au!***, *Au!* e *AAu!*”: demonstrando as diferentes interjeições quanto à *função apelativa* sobre o sentimento da dor, de acordo com Wiezbicka (1991 apud GONÇALVES, 2002, p. 342), essa interjeição utilizada é própria do cão, caracterizando a comunicação de animais.

Essas interjeições são *formas imitativas*, caracterizam-se pelo seu caráter onomatopaico, formas articuladas de aproximação imitativa pelo ser humano, pois o homem é incapaz de traduzir fielmente os sons imitando os animais como também os ruídos da natureza.

Com essa TQ é possível envolver o leitor em atividades relativas à interpretação, para identificar a *forma* e a *função* de distintos sentidos da interjeição.

Ainda são poucos os estudos linguísticos quanto à *forma* e à *função* dos usos, quando dedicados às histórias em quadrinhos e às TQ, mais especialmente, sobre o estudo das interjeições e das locuções interjetivas. Os autores e desenhistas estão sempre inovando as TQ na criação de novos recursos de imagem visuais, verbais e não verbais. Com isso, evidencia-se um conjunto de regras próprias que acaba se desenvolvendo, derivados da escrita e da fala em cada língua, utilizando os recursos pragmáticos e a sua integração com o desenho, como também a representação semântico-argumentativa e discursiva.

A representação gráfica nas TQ é essencial para a ambientação da narração e acaba por desenvolver características específicas, resultando num código próprio de leitura que mescla elementos icônicos e convencionais.

3.4 ESTUDOS SOBRE A SEMÂNTICA

Segundo estudo realizado por Paviani (1976), o termo Semântica é designado como a “ciência das significações”, empregado pela primeira vez em 1983, por Bréal (1992),

O estudo para o qual convidamos o leitor a seguir-nos é de espécie tão nova que sequer recebeu nome ainda. Com efeito, é sobre o corpo e a forma das palavras que a maioria dos lingüistas tem exercido sua sagacidade: as leis que presidem à transformação dos sentidos, à escolha de novas expressões, ao nascimento e morte das locuções, ficaram na obscuridade ou só foram indicadas de

passagem. Com este estudo, tanto quanto a Fonética e a Morfologia, merecem ter seu nome, denominá-lo-emos Semântica, isto é, a ciência das significações (BRÉAL, 1992 apud PAVIANI, 1976, 49).

O precursor desse estudo a dividiu em três partes: as leis intelectuais da linguagem; o modo pelo qual se fixou o sentido das palavras; como se formou a sintaxe. De acordo com os estudos de Bréal (1992), a Semântica não se limitou a estudar os valores sucessivos que são dados às palavras e, sim, uma ciência das “leis” da significação.

Definir o objeto de estudos da Semântica não é tarefa fácil. O estudo da significação na maioria das vezes é contraditório, prejudicando os resultados práticos. O conceito de significação tem se mostrado heterogêneo e impreciso, ou seja, a “Semântica tem tratado muitas vezes de forma atomizante o significado, procurando as relações entre significado/realidade/pensamento no nível lógico/filosófico/psicológico para elo do linguístico” (GOMES, 2003, p 24). Segundo a autora, a evolução do pensamento tem dado prioridade à questão da semântica, uma vez que se tem entendido que linguagem é significação.

Sabe-se que grande parte da interação social se faz *pela* e *através* da linguagem, por isso ela aparece como fonte geradora de sentidos e de signos. A comunicação tem sempre uma significação independentemente de ser verdadeira, falsa, real ou imaginária, conhecida ou desconhecida. A linguagem humana está ligada à significação linguística que interessa a diferentes estudiosos. Para os lógicos a preocupação está em descobrir o caráter verdadeiro ou falso dos enunciados; para os filósofos está em questionar a natureza dos conceitos como verdade, razão, conhecimento, e também discutir vínculos da linguagem com a realidade.

Linguistas têm dirigido uma atenção especial aos aspectos que tratam da estrutura e do funcionamento da língua nos diferentes níveis, porém, para falar em Semântica, implica tratar da delimitação do seu objeto de estudo: o significado. Toda atividade social é produtora de significações, uma vez que a todo o momento se está sendo interpretado nas mais diversas situações da vida comunitária. A significação é veiculada por signos e, portanto, a vida social está impregnada deles.

Parece simples estabelecer o objeto de estudo da Semântica, mas no momento em que se generaliza esse estudo, não se tem um esclarecimento do que é o próprio significado, mas deve-se limitar o estudo da semântica ao estudo dos

sistemas de noções vigentes nas línguas, ou seja, focar as noções individuais ou não, se combinam com os enunciados. A teoria Semântica deve descobrir as regras que condicionam a produção e interpretação das palavras e das orações e explicar por que os falantes percebem as ambiguidades ou irregularidades semânticas.

Hoje, o significado se ampliou do nível lexical às relações paradigmáticas; destas, à interação de significados no plano sintagmático; dos mecanismos de interpretação de frases à análise da enunciação. Gomes (2003) entende a Semântica como a ciência das significações das línguas naturais, que a autora distinguiu entre uma Semântica Linguística que abrange o estudo do léxico e o estudo das estruturas gramaticais (morfologia e sintaxe) e uma Semântica Semiótica, que abrange o sentido do estudo das relações pragmáticas.

Para Mokva (2001), a análise e a reflexão sobre as relações semânticas podem ajudar na construção do conhecimento dos alunos de Ensino Fundamental em todas as situações comunicativas que o aluno vier a enfrentar, uma vez que as relações de sentido são frequentes no dia a dia do indivíduo.

A semântica distingue o sentido nocional da linguagem dos valores afetivos ou sociocontextuais. A função que serve à comunicação no plano conceitual difere da função expressiva. Assim, “serve para a exteriorização dos estados emotivos” (GOMES, 2003, p. 32). Mokva (2001) também declara que as relações semânticas são espontâneas e possibilitam a reflexão sobre a linguagem.

Guiraud (1975), citado por Gomes (2003), afirma que “os valores extra-nocionais são vistos como associações extra-semânticas que cercam de emoções quem fala, quem ouve e o ambiente” (GUIRAUD, 1975 apud GOMES, 2003, p. 32).

Nas últimas três décadas, cresceu o interesse pelo estudo da significação, surgindo, nesses últimos 30 anos, a reflexão sobre o significado no âmbito da disciplina de Semântica, assinalando três etapas: a Semântica Interpretativa, com Katz e Fodor (1963); a Semântica Cognitiva, desenvolvida por Lakoff (1982) e a Semântica Argumentativa, que é praticada hoje por um dos seus mais hábeis cultores: Ducrot (1977). Suas pesquisas fazem um aprofundamento sobre o pressuposto e o subentendido adequado mais tarde ao conceito de enunciado e da enunciação.

De acordo com Ducrot (1977), quando trata sobre a *situação de enunciação*, entende-se que é tudo o que permite levar em conta quanto às circunstâncias da fala. Nessas *situações de enunciações*, encontram-se uma infinidade de dados

temporais, espaciais, físicos, sociais, psicológicos, e, em particular, as crenças e as intenções discursivas do locutor.

Há dois tipos de situação: a *situação-tipo* e a *situação-ocorrência*. A *situação-tipo* contém os dados que permitem a caracterização das variáveis semânticas que a significação da frase exige para o cálculo de sentido. Já na *situação-ocorrência*, os dados autorizam antes a caracterização das variáveis pragmáticas que o sentido do *enunciado-tipo* exige para o cálculo da interpretação do *enunciado-ocorrência*, ou seja, o contexto extralinguístico.

A semântica argumentativa e as situações discursivas sob o viés da pragmática integram os principais aportes teóricos. Assim, a semântica passa a ser entendida como o estudo da significação das frases. A frase e a sua significação são construções teóricas de ordem semântica e se o *enunciado-ocorrência* é o elemento pragmático por excelência, então o *enunciado-tipo* é, portanto, semântico-pragmático.

3.4.1 Semântica Discursiva

Essa discussão tem como base os estudos de Bakhtin (2000), quando trabalha o fato de que os enunciados mostram os mais variados gêneros discursivos de usos de língua, nas esferas sociocomunicativas da linguagem.

O autor faz uma distinção entre o gênero primário e o secundário. O primeiro corresponde ao gênero da linguagem popular relacionada com os discursos da oralidade em seus mais variados usos linguísticos: do diálogo do cotidiano ao discurso didático; do sociolinguístico ao filosófico e, ou sociopolítico; dos atos de fala pragmáticos aos linguísticos.

Os gêneros secundários apresentam uma linguagem mais elaborada e, ou institucionalizada, mais complexa, principalmente a escrita, correspondendo a uma interface dos gêneros de usos primários.

Com base nessa discussão, utilizam-se os gêneros textuais TQ para analisar discursivamente as interjeições e as locuções interjetivas quanto à *forma* linguística (primárias e secundárias) e quanto à *função* têm-se os estudos Jakobson (1978) quanto a linguagem *expressiva* e *fática* (Expressivas: emotivas e cognitivas, Apelativas: sugestivas e fáticas).

Esses traços linguísticos, semânticos e pragmáticos situam-se, normalmente, em contextos de maior expressividade e reproduzem o multilinguismo dialógico (BAKHTIN, 2002b), na descrição de momentos em que uma posição de oralidade é utilizada e manifestada pelo personagem no contexto narrativo das TQ. Este estudo vincula-se ao gênero textual, de uma forma mais espontânea, de modo a caracterizar a linguagem dos personagens das TQ – no tempo, no espaço sociogeográfico, histórico e identitário do escritor.

A linguagem do cotidiano é mostrada através da comunicação verbal, mediante uma riqueza de traços bidialetais de uma dada região e, ou comunidade, no espaço e no tempo histórico. Nesse sentido, discorre-se sobre a hibridização linguística, quanto aos recursos semântico-argumentativos e da discursividade pragmática, utilizadas nas TQ pelos personagens.

Quando se utiliza o termo hibridização, em comunicação verbal, sob o enfoque do bidialetalismo, reporta-se ao conceito dado por Bakhtin, quando da interlocução entre falantes que utilizam o multiculturalismo em que há “uma hibridização involuntária e inconsciente [...] uma modalidade mais importante da existência histórica e das transformações das linguagens” (BAKHTIN, 2002a, p. 156).

Portanto, em regiões de comunidades de falas bidialetais, a língua transforma-se histórica e culturalmente na memória do falante, por meio de uma hibridização de misturas de variações linguísticas, de transferências de traços gramaticais e lexicais de mais de uma variável, sendo que estas coexistem no cenário de variações linguísticas da língua nacional com traços bidialetais regionalistas e de expressões folclóricas.

Dessa forma, as interjeições são fenômenos essencialmente discursivos e encontram-se perfeitamente integradas na estrutura ilocucional de um texto (MARCUSCHI, 2007), como as empregadas nas TQ, que serão aqui analisadas e interpretadas.

3.5 A PRAGMÁTICA SOB O VIÉS DOS ATOS DE FALA

A Pragmática não aposta em estudos da língua isolados de sua produção social e, sim, em estudos da linguagem, levando em conta a fala. Se a pragmática é

fruto de um movimento que vai de encontro ao uso da linguagem, deve-se, então, referir-se aos que a influenciaram.

De acordo com Austin (1962) e Searle (1981 [1969]) a linguagem deve ser analisada a partir do ato da fala, no contexto social e cultural no qual é usada, com uma determinada intenção e de acordo com certas normas e convenções que debate a realidade de ação da fala, isto é, a relação entre o que se diz e que se fala.

O advento desses estudos ressaltou a importância da relação entre as intenções comunicativas, sobre as quais Pinto (2011) faz uma discussão, ressaltando a materialidade e historicidade das palavras e buscando refletir em “seu estudo sobre a possibilidade de uma teoria que explicasse questões, exclamações e sentenças que expressam comandos, desejos e concessões” (PINTO, 2011, p. 57), em enunciações.

Austin (1962), em sua obra *How to do Things with Words*, concebe a linguagem com uma atividade construída por interlocutores, ou seja, é impossível discutir a linguagem sem considerar o ato de linguagem não como descrição do mundo e sim como ação.

Assim, A Teoria dos Atos de Fala se desenvolveu entre os enunciados *performativos*, que realizam ações porque são ditos, isto é, prática de uma ação enquanto enunciado, tais como: “Esta sessão está encerrada” ou “Eu os declaro marido e mulher” são sentenças que comprovam o poder da linguagem como um agente modificador da realidade. Os enunciados *constativos*, que realizam uma afirmação, falam de algo, mesmo que a ação já tenha ocorrido, um comentário tipo “Parece que vai chover” pode provocar, além de olhar pela janela, a concordância ou não do interlocutor com o enunciado.

O discurso sempre busca agir sobre o interlocutor e espera uma reação deste. É por isso que uma história, uma experiência individual, são ações comunicativas que podem causar algum efeito na reação dos interlocutores, como rir, chorar, emocionar-se, surpreender o outro. Assim, pode-se comprovar que a linguagem é possuidora de uma força ilocutória com grande poder de transformação nas situações de comunicação.

Dessa forma, “o ato de fala total na situação de fala total é o único fenômeno real que, em última análise, pretendemos elucidar” (AUSTIN, 1962, p. 147). Isso deixa claro que a linguagem consiste na elucidação das diferentes formas, e o contraste entre esses dois tipos de enunciados, o *performativo* e o *constativo* levaram

o autor a prosseguir no raciocínio e separar os níveis da ação linguística através de enunciados.

O autor propõe, portanto, que sua concepção do uso da linguagem como uma forma de agir seja estendida, considerando o ato de fala como a unidade básica de significação e tomando-o, por sua vez, como constituído por três dimensões integradas ou articuladas que são respectivamente os atos *locucionário*, *ilocucionário* e *perlocucionário*.

O *Ato locucionário* consiste na dimensão linguística propriamente dita, isso é, nas palavras e sentenças empregadas de acordo com as regras gramaticais aplicáveis, bem como dotadas de sentido e referências. Nas TQ, seria o conjunto de traços fônicos: *fonético*, *gráfico*, *mórfico* e *tático* que a personagem está proferindo. No plano *fonético* há os aspectos *gráfico* e *mórfico*, que são as formas aglutinadas e separadas, enquanto que nos termos *mórficos* se teria a possibilidade de flexão ou não da interjeição, ou o seu caráter de forma primitiva ou derivada. Sobre o aspecto *tático*, as interjeições são consideradas como autovalentes.

O *Ato ilocucionário* pode ser considerado o núcleo do ato de fala e tem como aspecto fundamental a força ilocucionária. Nas TQ é a força que o enunciado produz. A força consiste no *performativo* propriamente dito, constituindo o tipo de ato realizado.

O *Ato perlocucionário* se caracteriza pelas “consequências do ato em relação aos sentimentos, pensamentos e ações dos ouvintes, ou do falante, ou de outras pessoas, e pode ter sido realizado com o objetivo, intenção ou propósito de gerar essas consequências” (AUSTIN, 1962, p. 101). É esse efeito que se evidencia nas TQ, produzido no ouvinte ao receber esse enunciado visual, verbal e não verbal.

Para Austin (1962), as condições para a realização desses atos consistem em uma combinação de intenções do falante e convenções sociais com diferentes graus de formalidade. A satisfação dessas condições é o critério do *sucesso* ou *fracasso* da tentativa de realização do ato.

A teoria austiniana se formou da Linguística pela via de interpretação de Searle (1981), que se empenhou no sentido de produzir um acabamento na teoria apresentada por Austin. Searle (1981) defende que os atos de fala possuem um componente básico: a proposição.

Para o autor,

Os atos de enunciação consistem simplesmente em enunciar uma sequência de palavras. Os atos ilocucionais e proposicionais consistem, de modo, efetivo, em pronunciar palavras no interior de frases, em determinadas situações, sob certas condições e com certas intenções (SEARLE, 1981, p. 36-37).

os à Pragmática, que enfatiza os aspectos comunicativos da linguagem, devido à necessidade de se relacionar a linguagem com o contexto de fala, como instrumento para explicar efeitos da linguagem em uso.

Assim também, ressalta-se, a importância que se dá à Análise da Conversação, outra corrente que se integrou aos estudos linguísticos, sobre a qual se fará uma reflexão a seguir.

3.6 ESTUDOS SOBRE A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

A conversação é a mais antiga e democrática maneira de utilizar a linguagem verbal na vida social. A mais antiga porque o homem primeiro falou e só muito tempo depois (cerca de 400 anos a. C.), inventou a escrita, passando a registrar a fala. A mais democrática porque é posta em prática por qualquer pessoa, escolarizada ou não. Pode tratar de qualquer tema; pode-se concretizar em qualquer contexto; pode empregar desde o nível coloquial mais informal até o formal culto.

Numa conversação estão presentes elementos que pertencem ao campo da linguagem verbal (o vocabulário, a sintaxe, o nível de linguagem) e ao campo da linguagem não verbal (nesse caso, assumem significados a distância entre os interlocutores, a direção do olhar, os trejeitos faciais, os gestos, as roupas e os adornos, a aparência geral). Os elementos paralinguísticos também desempenham papel fundamental na entonação, o acento de determinadas palavras ou sílabas, pausas, suspiros etc. Na escrita, os elementos paralinguísticos são marcados graficamente, por isso é que se empregam aspas para indicar uma entonação de ironia; que o negrito, o sublinhado ou as maiúsculas são usados para indicar acento forte, dita com mais ênfases. Nas TQ, é comum aumentar o tamanho das letras ou do balão “estrelado” para indicar grito, caracterizando a linguagem de imagem visual.

Assim, sempre que se estabelece uma conversa, seja em diálogos informais cotidianos, seja em entrevistas ou em conversas mais formais, isso se fará de

complexas competências, como: produção e interpretação de signos verbais, de imagem e não verbais.

Na década de 1980, foi lançado o primeiro livro nesta área, no país, com o título *Análise da Conversação* de Luiz Antônio Marcuschi. Para o autor, há duas razões para o estudo da conversação. Em primeiro lugar, “ela é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real” (MARCUSCHI, 1991, p. 5).

Para o autor, “a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (MARCUSCHI, 1991, p. 14).

Marcuschi (2001) também faz uma distinção entre fala e escrita de um lado, e oralidade e letramento de outro. A primeira diz respeito à “modalidade de uso da língua” e a segunda distingue “duas práticas sociais” (MARCUSCHI, 2001, p. 25). A prática social interativa da oralidade constitui diversos gêneros textuais que vão desde conversações espontâneas até os mais formais, características da prática social interativa da escrita. Já o letramento abarca o uso de textos escritos que estão distribuídos entre a escrita formal e a produção textual escrita que incorpora estratégias da prática social da fala.

Segundo o autor com relação à fala e à escrita, ambas, enquanto modalidades e uso da língua são formas de produção textual-discursivas com objetivos comunicativos. A primeira se situa no plano da oralidade e a segunda, no plano dos letramentos.

Dionísio (2011) aponta três níveis de enfoque da estrutura conversacional:

- a. *Macronível*: estuda as fases conversacionais, que são *abertura*, *fechamento* e *parte central* e o tema central e subtemas da conversação; b. *Nível-médio*: investiga o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência conversacional, os atos de fala e os marcadores conversacionais; c. *Micronível*: analisa os elementos internos do ato de fala, que constituem sua estrutura sintática, lexical, fonológica e prosódia (DIONÍSIO, 2011, p. 70-71).

Para a autora, “a conversa espontânea se constrói a cada intervenção dos interlocutores, ou seja, a elaboração e a produção ocorrem, simultaneamente, no mesmo eixo temporal” (DIONÍSIO, 2011, p. 71). Ainda segundo Dionísio, a

conversação é uma atividade semântica, ou seja, um processo de produção de sentidos, altamente estruturado e funcionalmente motivado.

As conversas são assinaladas pelos marcadores conversacionais: verbais, prosódicos e não verbais. Os verbais são expressões não-lexicalizadas, como *ahã!*, *ué!*; os prosódicos são de caráter fonético, são os contornos emocionais, as pausas, o tom de voz, o ritmo, a velocidade, os alongamentos de vogais: e os não verbais acontecem por meio de risos, olhares, gestos, movimento de cabeça.

Nas conversas em que os interlocutores estão frente a frente, assim, a função *fática* se orienta para conexão psicológica entre os interlocutores (JAKOBSON, 1978); o que se quer, nesse caso, é garantir a manutenção da conversa e a atenção do outro., marcando emoções e sentimentos provocados pela fala, demonstrando interesse. São muito comuns palavras ou frases interjetivas como: “Compreende?”, “Entendeu?”, “Veja bem...”, “Olha...”, “Nossa!”.

As TQ mesclam dois códigos: o verbal (balões de fala dos personagens, onomatopeias, interjeições, legendas) e o visual (quadrinhos, formato de montagem e outros recursos). As TQ possuem mecanismos próprios da representação da oralidade. Como isso pode ser possível se os personagens sequer emitem sons? “Eles realmente não falam”, mas “no entanto, os leitores leem suas palavras e têm a impressão de ouvi-las em suas mentes” (RAMOS et alii 2010, p. 56). Essa impressão é causada pelo recurso dos balões que sintetiza a fala dos personagens.

O texto conversacional, seja no diálogo ou em sentido restrito, pode ser postulado em turnos conversacionais, “que representam as diferentes formas por meio das quais os interlocutores participam da construção do diálogo” (FÁVERO et alii 2010, p. 103). Outra característica do turno é o fato de os interlocutores alterarem-se nos papéis de falante e ouvinte.

O turno representado pelos balões indica a entonação da voz, o pensamento do personagem: o negrito indica ênfase ou toma mais alto, as onomatopeias indicam os sons não falados pelos personagens e as interjeições indicam os estados emotivos dos personagens.

Os marcadores conversacionais nas TQ procuram aproximar o conteúdo da fala à realidade do leitor e à parte visual, outro elemento integrante dos quadrinhos, que representa o aspecto não verbal da conversação.

No atual cenário de popularização dos estudos sobre TQ, como espaço de veiculação de estudos linguísticos, culturais, semântico-argumentativo, discursivos e

pragmáticos sob o viés dos atos de fala e da conversação, ainda há muito a se fazer e se discutir.

Diante dessa reflexão sobre as interjeições e as locuções interjetivas sob essa abordagem aqui discutida, percebe-se que este estudo, além de propiciar aos alunos o aprendizado da Língua Portuguesa escrita de forma significativa e de cultura popular, favorece ao discente uma forma de comunicação: a escrita e a cultura popular, objetivando a diversidade linguística, que está cada vez mais difundida nos meios de comunicação. E é isso que esta pesquisa pretende atingir na análise das TQ, no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS TIRAS EM QUADRINHOS

Neste capítulo, encontra-se a análise de um *corpus* de 9 tiras em quadrinhos, selecionadas no Jornal Folha de São Paulo, em *Site* da Turma da Mônica e em livros didáticos. A análise e a discussão tratam sobre as interjeições e locuções interjetivas, baseando-se nos pressupostos teóricos mencionados no Capítulo III Pressupostos Teóricos.

Pretende-se apresentar a seleção do *corpus*, identificando possibilidades de desenvolver nas TQ selecionadas a reflexão sobre a sua *forma e função*, focalizando os aspectos semântico-argumentativos e discursivos no tratamento dado às interjeições e locuções interjetivas.

De forma simples, as TQ são uma sequência de fatos narrados que expressam informação, ação, sentimentos, atitudes, dos construtos e das críticas sociais. Um dos objetivos principais das TQ é buscar reproduzir uma conversação natural, em que os personagens interagem face a face, demonstrando seus sentimentos por meio de palavras e de expressões corporais.

As TQ possuem informatividade no que diz respeito aos usos dos recursos linguísticos, que vão desde o uso das modalidades da língua escrita e oral, passando pelas interjeições, onomatopeias, abordagens comportamentais, entre outras. A língua, seja na modalidade escrita ou falada, reflete os construtos quanto à *organização da sociedade*. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações, as formas sociais e culturais.

A linguagem de imagem, não verbal e verbal nas TQ, é representada pelo uso dos balões que servem para expressar as falas dos personagens e sua intensidade, pelas expressões faciais, gestos e outros. Nos balões, em geral em discurso direto, são representados os turnos conversacionais, as pausas, hesitações, truncamentos, sobreposições de vozes. O código visual ou de imagem se encarrega de indicar os aspectos extra verbais ou aspectos não verbais da conversação, como as expressões faciais ou um movimento do corpo. O formato das letras e o contorno dos balões indicam o tom de voz mais elevado, mais baixo, a emoção sentida no momento da fala do personagem. Os quadrinhos simulariam várias das

características da língua falada. Todos esses elementos são usados como forma de complementar e enriquecer as TQ apresentadas, quanto à forma linguística e à função discursiva enunciativa da linguagem.

Assim, para início de análise, utiliza-se o texto da TQ do Jornal Folha de São Paulo de 1970.

FIGURA 08: Tira Professor Tantã



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Domingo, 04 de Janeiro de 1970.

A TQ do personagem Professor Tantã é composta de três quadrinhos com turnos conversacionais que são evidenciados na forma de balão, que condensa a fala dos personagens quadro após quadro, mostrando aspectos circunstanciais – extratextuais. É possível perceber esses turnos nos quadros no momento em que a oralidade é manifestada pelos personagens com o auxílio do recurso dos balões. O turno conversacional é visto como um dos elementos centrais da conversação. Para Marcuschi (2001), “é a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio” (MARCUSCHI, 2001, p. 89). No primeiro quadro, o personagem reitor representa a fala na escrita, com aspectos próprios da oralidade: *“Fiz uma aposta neste lance, Tantan!”*. No segundo quadrinho podem-se perceber os elementos não verbais por meio do olhar, do movimento de cabeça realizado pelo personagem professor e também da mudança na expressão facial devido ao que foi exposto anteriormente pelo reitor.

Segundo Ramos (2006), “a parte visual, elemento integrante dos quadrinhos, representa todo o aspecto não verbal ou paralinguístico da conversação” (RAMOS, 2006, p. 6). A interjeição na expressão *“PUXA, ERREI!”* movimenta uma pressuposição com relação ao comportamento do personagem. Quanto à *forma* a

interjeição “PUXA” é classificada como *primária*, por ser um termo que constitui um enunciado independente, e quanto à *função* como *cognitiva*, pois, segundo Wierzbicka (1991, apud GONÇALVES, 2002, p. 341) esta interjeição exprime o estado do processo cognitivo do falante, dispensando qualquer referência ao sentir e ao querer no momento em que o professor profere a interjeição. De acordo com Câmara Jr. (1977), a interjeição traduz de modo vivo, os estados d’alma, procurando exprimir o estado psíquico num momento súbito. Além disso, a interjeição “PUXA” funciona como um marcador conversacional, por possuir um papel de articulação no texto, de modo a garantir sua coesão e coerência durante a interação. Segundo Urbano (1999), os marcadores “funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto, como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa uma comunicação interacional e pragmática” (URBANO, 1999, p. 85-86). Segundo o autor, esses marcadores teriam funções de várias ordens na conversação: sintática, comunicativo-interacional, semântica. Os marcadores verbais, não verbais ou paralinguísticos podem ser compostos por uma interjeição ou mais palavras.

Nessa narrativa, no segundo quadro, o autor Bill Yates também faz uso da interjeição “PUXA” para mostrar a preocupação do professor por ter errado e feito o reitor perder a aposta, porém, no último quadrinho, o recado do reitor deixa o professor perplexo quando esse revela que tipo de aposta fez e em virtude da apreciação que faz a respeito de sua habilidade. O turno representado no último balão é representado pela entonação da voz pela utilização da pontuação, como os pontos de interrogação quando o reitor fala “Perder??” e ponto de exclamação “eu Ganhei!”, que indica alegria do personagem. Esses marcadores conversacionais aproximam o conteúdo da fala e também a parte visual da TQ.

A expressão linguística manifestada pela interjeição “PUXA” se refere muito particularmente à *forma* como o enunciador representa o seu papel na encenação/teatralização, em termos de sentido para cada situação. A interjeição individualiza-se, por um lado, pela forma que se manifesta para veicular uma determinada atitude do enunciador (GONÇALVES, 2002, p. 515) e, por outro lado, não é destinada a transmitir uma informação pelo alvo implícito do enunciador ao comunicar uma informação.

FIGURA 09: Tira Garfield



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Domingo, 1º de julho de 1990.

Nesta tira de Jim Davis, as interjeições “Êi!” “Olha!” representam “marcadores de ato de fala”. Inclui um termo de Austin (1962), que é um ato ilocutório. Esse ato pode ser uma ordem, um pedido, uma informação que funciona como marcador do comportamento do personagem.

Essa TQ apresenta um diálogo entre a empregada e Jon. Percebe-se no contexto do primeiro quadro que os enunciados são proferidos pela personagem empregada (locutor) provocando uma reação em Jon (interlocutor).

A personagem empregada inicia a conversa com uma pergunta indireta para Jon: “*Você não comeu verdura*”. Percebe-se aqui determinada força na indagação, a qual se encaixa no ato ilocucionário e também locucionário por ser uma pergunta organizada dentro das regras da língua. Austin (1962) batizou o uso destes Atos de Fala de “atos ilocucionais”. Para o autor, há três tipos de atos que ocorrem simultaneamente: *Ato locucionário*: é o conjunto de sons que a personagem está proferindo; *Ato ilocucionário*: é a força que o enunciado produz; e *Ato perlocucionário*: é o efeito produzido no ouvinte ao receber esse enunciado. Ainda no primeiro quadro, o personagem Jon responde com certo tom de ironia e ao mesmo tempo desafia a personagem empregada com as perguntas: “*E daí? Vai contar pra minha mãe?*”

No segundo quadro, há um enunciado performativo realizado pelo personagem Jon, por meio da promessa “*Acho que vou*”, sendo um ato ilocucionário que, segundo Austin (1962), é o ato de fazer uma declaração, oferta, promessa, entre outras. No terceiro quadro, o personagem Jon, a fim de convencer a personagem empregada utiliza as interjeições “Êi!” que tem a *função* de espera e a

interjeição “*Olha!*” que tem a *função* de pedido. A interjeição “*Ê!*” é classificada quanto à *forma* como *primária* por se constituir de um enunciado independente, e quanto à *função* entra na categoria *apelativa*, que, segundo Gonçalves (2002), “são interjeições usadas para se dirigir a um ouvinte com o intuito de despertar a sua atenção” (GONÇALVES, 2002, p. 344). A interjeição “*Olha!*”, quanto à *forma* é *secundária* por ser um verbo e serve como um desabafo momentâneo e quanto à *função* também entra na categoria *apelativa*.

O personagem Jon usa expressões corporais, como mão para cima, mostrando, assim, determinado ato para que a personagem empregada o escute. A intenção do enunciado do personagem Jon é tentar convencer que a personagem empregada não conte para sua mãe. Percebe-se aqui a presença de uma força na fala de ordem por meio da interjeição “*Olha!*”, que corresponde ao ato ilocucionário. O personagem Jon, por meio da interjeição “*Olha!*”, tenta convencer a personagem empregada de que está comendo tudo. A interjeição “*Olha!*”, pode ser enunciada e interpretada como “*não faça isso*” e ganha valor quando atribuímos ao uso de “*Olha!*” um ato proibitório, ameaçador, fazendo um apelo imediato para o interlocutor aderir aos apelos e objetivos, à vontade, às intenções do locutor.

No último quadro, há também o recurso visual do balão em forma de nuvem que indica que a fala é de um animal ou ser irracional. Jim Davis utiliza esse recurso em todas as falas do personagem gato “*Garfield*”. O pensamento irônico do gato “*Conte pra ela que comeu a sobremesa antes*” é considerado um ato perlocucionário por ser uma reação aos demais atos de fala da tira. Esse desfecho é o que provoca o efeito de humor nessa TQ.

Partindo do princípio de que os domínios psíquicos de sentimento e a atitude têm sobre a natureza lógica da interjeição, podem-se observar dois grandes domínios: as “interjeições afetivas” e as “interjeições ativas” (CORREIA, 1934 apud GONÇALVES, p. 375). Esta distinção apresenta dois tipos de razões: uma de natureza lexical, ou seja, a maioria das interjeições *primárias* são afetivas, e outra de natureza sintática, pois segundo o autor enquanto o sentimento privilegia o modo conjuntivo, a vontade opta prevalentemente pelo imperativo.

A interjeição “*Ah!*” é um grito articulado de sentido, isto é, de valor afetivo, é uma interjeição *primária*, já a onomatopeia, em termos morfológicos, impede sua associação a qualquer tipo de palavras, e apresenta características de recursos prosódicas originais.

Segundo Gonçalves (2002),

A interjeição *ah!* “exprime”, “designa” ou “traduz” “variados sentimentos” ou “impressões vivas”, omitindo-se, ou apagando-se até, qualquer referência ao papel do locutor no enunciado definicional, produzindo-se a ilusão duma autonomia da função interjetiva, do poder das palavras, veiculando-se a idéia de que a linguagem funciona como uma entidade, eficaz em si e por si mesma, quando, em rigor, as interjeições em geral, e em particular a interjeição *ah!*, não *exprime(m)*, não *designa(m)* nem *traduz(em)*, um sentimento, mas antes *serve(m)* para o *locutor manifestar* ou *representar* um sentimento, para assinalar uma intenção (GONÇALVES, 2002, p. 43).

A forma de expressividade do grito articulado ao sentido afetivo resulta em dois aspectos: primeiramente a representação particular, singular, única do locutor e do outro, é o contrato conversacional.

FIGURA 10: Tira Chiclete com Banana



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Domingo, 1º de julho de 1990.

A TQ Chiclete com Banana produzida por Angeli tem com título “*The Little Black Skrots*”, traduzido para o português seria “Pequenos negrinhos escrotos”. No primeiro quadrinho, o segurança afirma que não é permitida a entrada de **NEGROS**. A palavra grafada em tamanho maior e em negrito enfatiza a intensidade na sua fala e apresenta o “real”, fazendo o leitor refletir sobre o racismo. Ao conceber a TQ como gênero, considera-se não só a materialidade do texto, mas a soma entre texto e contexto, como uma prática social mediada pela linguagem, pois cada gênero está situado “em um determinado contexto de cultura, baseado em esquemas mentais das situações, que, por sua vez, são construídos a partir da experiência social, em

termos de linguagem pertinente, eventos e participantes” (MOTTA-ROTH, 2006 apud CATTO; HENDGES, 2010 p.197). Como todo gênero discursivo, as TQ são culturalmente situadas, sendo que para que suas funções possam causar ironia e criticar sejam percebidas, as mesmas devem ser interpretadas dentro dos contextos socioculturais em que são publicadas de forma argumentativa e discursiva.

Nesta TQ de Angeli, os personagens utilizam em seu discurso a interjeição *ah!* – como foi referenciado por Gonçalves (2002).

No segundo e terceiro quadros, os personagens iniciam o discurso com a interjeição “*Ah*”, que representa um grito articulado de sentido afetivo, pois serve para marcar uma atitude do locutor no seu discurso, um sentimento. A interjeição “*ah!*” pode estar presa à própria pessoa do locutor, podendo ser utilizada com fins argumentativos, assim como no discurso dos “negrinhos” “*Ah, tudo bem! Nós só estamos procurando nossa irmã!*”. Percebe-se nesse quadrinho um enquadramento à altura dos ombros da figura representada, salientando a expressão do segurança e seu estado emocional.

As TQ exploram de forma bastante recorrente a comunicação não verbal como forma de expressão, estabelecendo, assim, uma aproximação com a realidade. Percebe-se nessa TQ que o autor utilizou os gestos como verdadeiros atuantes no ato comunicativo, os quais representam a complexidade que envolve a manifestação do segurança. Segundo Eguti (2001):

Os gestos contribuem em grande parte para a comunicação entre os interlocutores. Eles são ações corporais visíveis, por meio dos quais as pessoas transmitem voluntariamente um significado. São numerosos os gestos usados pelas pessoas não só durante a fala, acompanhando ou “ilustrando” o que está sendo dito, como também os que são usados sem o acompanhamento de sons, nos quais a comunicação se faz puramente por meio do corpo (EGUTI, 2001, p. 64-65).

Apesar de contribuir para a comunicação, os gestos, por variar de cultura a cultura, de país para país, podem também gerar problemas de interpretação por parte dos receptores da mensagem pertencentes a outro contexto comunicativo ou sociocultural.

Quanto à *forma*, essa é uma interjeição *primária* e quanto à *função* entra na categoria *apelativa*, pois “os negrinhos” tentam despertar a atenção do segurança. No terceiro quadro, os personagens “negrinhos” tentam convencer o personagem

segurança de que são japoneses usando óculos escuros para disfarçar e que estão procurando sua irmãzinha “*japonezinha*” baixinha como eles, A expressão do personagem segurança é o que provoca o efeito de humor na tira.

A interjeição “*ah!*” surge nessa tira numa forma física, mímica, dos personagens em seu discurso, estimulados pela situação.

A definição do sentido semântico de “*ah!*” assenta dois princípios:

[...] — *ah!* comporta na sua significação atestada um certo número de indicações que são muito claras sob o ponto de vista da lógica do discurso; mas a significação de *ah!* continua bastante vaga mesmo assim, particularidade que favorece o investimento mímico e afetivo mais ou menos forte do locutor no seu discurso; — as determinações complementares competem à situação de enunciação quer sejam atinentes ao contexto informativo que à avaliação do sentimento que *ah!* é exprimir o suposto (GONÇALVES, 2002, p. 402).

O emprego da interjeição “*ah!*” obedece a regras bem precisas, mesmo que caracterize uma significação contínua e vaga quanto à *função* enunciativa discursiva, sendo que a interjeição não pertence à ordem do “informal e sim é um fenômeno convencional” quanto à sua *forma* linguística.

Portanto, no primeiro caso, trata-se do valor marcado da interjeição *ah!*; e, no segundo, percebe-se o valor conversacional contido no diálogo inicial dos personagens, não há autonomia de um emprego de “*ah!*”. Segundo Gonçalves (2002), “o sentido dum valor de *ah!* pode ser conduzido a esse valor inicial, se aí, se fizer atuar uma lei de discurso (GONÇALVES, 2002, p. 403).

Já segundo Marcuschi (2007), a interjeição se situa em contextos de maior vivacidade e reproduz momentos em que uma posição pessoal é tomada ou manifestada. Vinculada aos gêneros textuais mais espontâneos em geral tem mais a ver com o envolvimento emotivo do que com a informação gramatical.

FIGURA 11: Tira Bill Watterson



Fonte: SARMENTO, Leila Lauer, TUFANO, Douglas. **Português:** literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna, p.384, 2010.

Assim, as interjeições, dependendo do contexto, além de expressar sensações e sentimentos podem provocar reações no interlocutor, fazendo com que o mesmo mostre certo tipo de comportamento, como pode ser observado nesta Tira 10, de Bill Watterson.

Tendo em vista a reação da personagem mãe de Calvin, o interlocutor seria alguém oferecendo algum produto pelo qual a personagem não se interessou, naquele momento. Em razão da insistência do vendedor, a personagem vai mudando gradativamente seu comportamento como pode ser verificado nas diferentes expressões fisionômicas da personagem mãe: no primeiro quadro, ela aparenta calma ao telefone; no segundo quadro, ela muda de fisionomia; no terceiro quadro, se irrita, a fala nesse quadro possui ausência do recurso do balão, tendo apenas uma silhueta que remete à ideia de balão de texto. Esses sistemas verbais e não verbais, conforme destacam Moterani e Menegassi (2009, p. 231), estão em “constante interação”, nos quadros.

Dessa forma, os recursos prosódicos, como a ideia de entonação, volume e importância são apresentados ao leitor com as letras desenhadas como se tivessem vida própria por meio de letras que aparecem maiores, em negrito, que sugerem a voz alta e estridente, utiliza também expressões corporais como tirar o telefone do ouvido; e no quarto quadro, a personagem começa a esbravejar. Nessa tira os turnos conversacionais representam as diferentes formas por meio das quais os interlocutores participam da construção do diálogo. A interjeição “Alô?” apresenta um valor semântico-pragmático de chamamento, quanto à *forma* é *secundária* e quanto

à *função* entra na categoria *fática*, de acordo com os estudos de Jakobson (1978). Assim, para o autor o objetivo é de estabelecer a comunicação entre o locutor e o interlocutor no início do diálogo. As fórmulas de abertura de diálogos, quase sempre frases feitas, são exemplos típicos da função fática da linguagem. Sua finalidade é marcar o início e/ou o encerramento de um diálogo.

Esse tipo de interjeição ocorre em situações do dia a dia sempre que se inicia um contato verbal. A interjeição “*Hum-hum!*” com valor semântico-argumentativo e pragmático de concordância, quanto à *função* é *primária* e quanto à *forma* é *emotiva*, pois revela o estado mental do falante. Já a interjeição “*Hein?*” tem valor semântico-pragmático de dúvida, quanto à *forma* é *primária* e quanto à *função* é *emotiva*, essa caracteriza a expressão das emoções, atitudes e o estado de espírito do locutor. Portanto, são interjeições utilizadas exclusivamente na linguagem oral, como reitera Marcuschi (2007), informando que o valor da interjeição depende, fundamentalmente, do contexto e da entonação.

As TQ buscam representar as cenas que marcam, por meio de imagens e textos, as ações, gestos, emoções, falas, entonações que as compõem. Para produzir esses efeitos de sentido, os autores utilizam recursos visuais como fonte, os traços que marcam tempo e movimento, os balões como se pode observar na TQ de Bill Watterson.

Dessa forma, o uso da interjeição vai além da simples exteriorização de uma emoção, e seu uso também explicita um valor discursivo, “capaz de expressar efeitos semânticos bastantes nítidos no ato da fala” (CAVALIERI, 2004, p. 202-203), desempenhando, além disso, um relevante papel argumentativo. O autor corrobora ao afirmar que as interjeições podem assumir um valor argumentativo, principalmente, quando assume o traço semântico de oposição, estabelecendo vínculos entre situações antagônicas do discurso: *a previsível e a imprevisível*.

FIGURA 12: Tira Laerte: Deus 2: a graça continua



Fonte: ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Gramática:** texto: análise e construção de sentido: volume único. São Paulo: Moderna, 2006, p. 269.

Nesta Tira 11, “Deus 2: a graça continua” de Laerte, observa-se também o humor que está presente nos quadros.

No caso da TQ produzida por Laerte, no primeiro quadro, o balão do tipo pensamento apresenta Deus, que se declara satisfeito por estar incógnito em uma praia, sem ouvir, por um tempo, invocarem seu nome. O humor surge do fato de que, instantes depois, ouve o que julga serem três invocações de seu nome, através da expressão: “*Deus pai!*”, “*Ó Senhor!*” e “*Valha-me Deus!*”. No contexto da tira, as expressões são locuções interjetivas e não invocações a Deus.

Segundo Gonçalves (2002), estas expressões como “injúrias, insultos, juras, praga, imprecações e blasfêmias, têm um valor conjuratório, mas que não são portadores do semantismo depreciativo ligado à transgressão de uma lei moral” (GONÇALVES, 2002, p. 357). Ainda de acordo com o autor, inclui-se nesta categoria fórmulas como “*Misericórdia!*”, “*Piedade!*”, “*Meu Deus!*”, “*Santo Cristo!*”, cujos empregos englobam os de alguns gritos articulados como “*Ah!*”, “*Ai!*”, “*Ui!*”, que marcam uma atitude do locutor em reação a uma situação. Por exemplo, a interjeição “*ai!*” na língua portuguesa expressa o sentido semântico de dor, já na língua alemã é normalmente caracterizada pela expressão de alegria. Na tira as invocações foram utilizadas pelos personagens para expressar sua admiração pela beleza física de duas garotas que os dois personagens estavam a admirar.

Assim, de acordo com Gonçalves (2002), todas as formas de conjuração se realizam através de um ato ilocutório de transgressão, como no caso de interjeições como “*Misericórdia!*”, e as locuções interjetivas “*Meu Deus!*”, “*Valha-me Deus!*”, ou,

ainda, de acordo com Ameka (1992, apud GONÇALVES, 2002, p. 344), quando, cita que essa locução interjetiva pode se dar quanto à *forma secundária* ou quando o elemento verbo perde o sentido semântico-argumentativo e, muitas vezes caracterizam a expressão frasal emocional momentânea. Isso também se dá com a expressão gramatical substantiva. “Ó Senhor!”, que assinala uma reação do interlocutor em relação a determinada situação e pode-se dizer que essas invocações são marcas de desejo e de aspiração.

FIGURA 13: Tira O melhor de Calvin



Fonte: Projeto Araribá: português: ensino fundamental. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

Na maioria das TQ, a explicação se ancora em elementos linguísticos, colocando a linguagem da imagem em segundo plano, mas nem sempre isso funciona assim. Há TQ em que o aspecto da imagem se sobrepõe ao verbal, como pode ser observado na Tira 12. O determinante da imagem visual é outro ponto relevante, quando “o determinante visual é entendido como uma categoria referencial construída e reconstruída no processo de progressão do texto multimodal” (BENTES; RAMOS; ALVES FILHO, 2010, p. 402).

Nas palavras de Koch (2004),

Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas (re) constroem-se no processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural (KOCH, 2004 p. 61).

No entender de Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), incorporar os signos não verbais se faz necessário para explicitar e compreender de que forma se dão os processos de leitura das TQ, por serem narradas quadro a quadro.

Na tira de Bill Watterson, no primeiro quadro, a interjeição “*Ahh*” indica que o personagem Calvin está empolgado, animado; a fonte da comicidade, no entanto, está na leitura de imagem e na inferência que eles permitem: no segundo quadro, o personagem Calvin está assustado, pensando “*Epa! O que é isso?*”; no terceiro quadro, o quadrinista enfatiza a irritação do personagem Calvin, como se estivesse pensando “*Droga está ventando muito!*”; no quarto quadro, o personagem está desesperado pedindo “*Socorro! Que chuva gelada!!*”; no quinto quadro, é na parte verbal escrita que reside o efeito de humor: “*Eu digo para passarmos direto pro verão*”. O personagem Calvin está decepcionado com as alterações causadas pelo inverno, sugerindo ao leitor passar direto para o verão. Esse último quadrinho constrói a comicidade da história. As retomadas e reconstruções dos objetos de discurso de imagem visual explicam o processo narrativo da tira. Vale mencionar que nessa TQ a narrativa praticamente se resolve sem diálogos, tendo como elemento mediador o recurso visual e não linguístico, como nos casos anteriores.

É importante reafirmar que as TQ se utilizam de diversos recursos linguísticos em seus quadrinhos (onomatopeia, expressões populares), não verbais (gestos e expressões faciais) e paralinguísticos que vão além da escrita, como intensificação de sons e os recursos prosódicos a partir de palavras. Tudo isso contribui para seu produto final, rico de informações e ao mesmo tempo de uma informação discursiva sem igual, para poder interpretar.

FIGURA 14: Tira Níquel Náusea – Fernando Gonsales



Fonte: CAMPOS, Maria Inês Batista e ASSUMPÇÃO, Nivia. **Tantas linguagens:** língua portuguesa: literatura, produção de textos e gramática em uso: Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2007, p. 138.

O termo *conversação* pode ser concebido de maneiras diversas. Há aqueles que o utilizam num sentido amplo, que recobre qualquer tipo de interação oral, seria uma conversa informal, mais espontânea e não planejada e conversação formal que têm algum tipo de planejamento prévio. Durante a conversação, os sujeitos falam conforme vão surgindo as ideias, segundo o que vão ouvindo, segundo as mudanças de interesses ou objetivos, segundo a percepção pontual do contexto. Na TQ de Fernando Gonsales, a conversa é informal, pois acontece entre os amigos que estão em seu *hábitat* e Níquel provoca seu parceiro, ofendendo-o. Percebe-se que os amigos mostram que planejaram a conversa, sendo que um se munuiu de frases e gestos ofensivos e o outro se protegeu, com calmantes, dos ataques verbais e gestuais.

Há casos em que os elementos de imagem visual e verbal trabalham de forma mais harmoniosa, sendo ambos igualmente relevantes, quando é apresentado na TQ o momento em que um personagem flagra a conversa entre dois falantes. Os interlocutores são dois amigos. A conversação é, pois, uma atividade em que duas ou mais pessoas interagem por meio da linguagem verbal ou não verbal. Assim afirma Marcuschi (1998):

A conversação é mais do que um simples fenômeno do uso da linguagem em que ativa o código, é o “exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais” (MARCUSCHI, 1998, p. 6).

Analisando a conversa entre os amigos no primeiro balão, “*Puxa! Como seu chapéu **CAI** bem!*” o falante demonstra sua atitude em relação ao interlocutor, com marcas verbais e de imagem visuais. O personagem Níquel cria uma ironia para agredir o amigo. Essa ironia é mostrada visualmente na expressão dos olhos, e da boca, no gesto agressivo da mão. Linguisticamente, a interjeição (“*puxa!*”) no primeiro quadro quanto à *forma* é *primária*, por constituir um enunciado independente, e quanto à *função* entra na categoria *cognitiva*, pois “expressa o pensamento do falante no momento em que proferiu a interjeição” (AMEKA, 1992, apud GONÇALVES, 2002, p. 344). Há destaque também na palavra “**CAI**”, no advérbio “bem!”, que significa o contrário (“cai mal”), e a pontuação marca a entonação na escrita.

Segundo Mesquita (1994),

A ironia é uma figura que exprime um conceito contrário do que se pensa ou do que realmente se quer dizer. Por isso, muitas vezes, só pode ser percebida quando se considera o contexto (MESQUITA, 1994, p. 542).

De modo geral, as TQ captam certos momentos da fala para criar efeitos de humor ou ironia. “A ironia desempenha uma função comunicativa muito importante: persuadir” (REYES, 1984 apud ROMUALDO, 2000, p. 81). Segundo o autor, em algumas circunstâncias é muito mais difícil refutar enunciações irônicas do que enunciações não irônicas. Os interlocutores usam várias estratégias para conduzir a conversação, de maneira que estão sempre atentos à manutenção do diálogo à produção de sentido e à sua finalização. No segundo quadro, o interlocutor se recusa a entrar na briga, manteve seu olhar amortecido e não revidou quando teve seu chapéu de Mickey Mouse derrubado e utiliza marcas verbais como “não vou brigar!”, “desista!”, assim como no terceiro quadrinho, quando Níquel puxou sua barriga, justificando-se “realmente, estou um pouco acima do peso”. A TQ mostra um conflito que ocorre na conversa entre os falantes e no quarto quadrinho esse conflito é expresso pelo estado depressivo do falante. De acordo com Eguti (2001), os quadrinhos têm como objetivo a narração de fatos procurando reproduzir uma conversação natural, na qual os personagens interagem face a face, expressando-se por palavras e expressões faciais e corporais. A conversa, as circunstâncias, as

estratégias linguísticas e gestuais permitem compreender a dinâmica da interação face a face do cotidiano na TQ de Gonsales.

Como explica Pretti (2002),

Se tomarmos um diálogo, no início ou em vários pontos de seu desenvolvimento, podemos observar que os falantes replanejam sua organização discursiva, em função das necessidades de compreensão, de envolvimento, de participação, de convencimento de seu interlocutor (PRETI, 2002, p. 52).

Portanto, a interação conversacional é um ato de linguagem, um fenômeno sociocultural que cria seus sentidos por meio de gestos e de uma sintaxe específica, diferente da sintaxe da língua escrita. Dominar essas estratégias da conversa é fundamental para os falantes, uma vez que a comunicação oral é um construto social básico nas interações humanas, pois ajuda a criar a identidade dos falantes e funciona como um meio de controle social. Sendo assim, Marcuschi (1988) busca um conceito apropriado para a conversação:

Numa conversação várias pessoas agem (ao mesmo tempo ou sequencialmente), trata-se também de uma sequência de ações inter-relacionadas que, de algum modo, devem formar um todo coerente para que sejam compreensíveis. Evidentemente, uma conversação deve preencher uma série de condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas para que se dê uma interação bem sucedida (MARCUSCHI, 1988, p. 319-320).

Hilgert (1989) informa que “a conversação representa uma atividade prática e cotidiana, cujo desenvolvimento depende da auto-organização patrocinada interacionalmente pelos interactantes”. (HILGERT, 1989, p. 82). Esses interactantes são os sujeitos da conversação e a eles cabe desenvolver o processo conversacional por meio da interação.

Em linhas gerais, pode-se dizer que não há dúvida de que o termo conversação designa um tipo particular de interação social, em que se empregam elementos de imagens visuais, verbais e não verbais.

Alguns gramáticos excluem a interjeição das classes gramaticais pelo fato de que a palavra não possui um valor gramatical em uma frase, mas por ser uma palavra que expressa estados emotivos com sentido completo de significação. Trata-se de uma palavra-frase. O interesse sintático que as interjeições e as locuções

interjetivas despertam permite que lhe seja atribuído o caráter de frases ou de frases equivalentes em um dado enunciado discursivo.

Para Ameka (1994) citado por Gonçalves (2002),

As interjeições são palavras que podem funcionar como enunciados e por isso podem ser usadas para descrever uma classe de palavra, quer um tipo de enunciado (AMEKA, 1994, apud GONÇALVES, 2002, p. 110).

Por outro lado, sob o ponto de vista pragmático, “as interjeições se definem como um subgrupo de itens que codificam as atitudes e as interjeições comunicativas do falante e que são condicionadas pelo contexto” (FRASER, 1990, apud GONÇALVES, 2002, p.111).

A *frase* é uma unidade da língua, uma estrutura sintática. Considerada isoladamente, não tem sentido. Quando posta em um contexto, ganha sentido e é chamada de enunciado. A interjeição não faz parte da oração, não desempenhando, portanto, função sintática. Marcuschi (2007) corrobora ao afirmar que “as interjeições não se integram à sintaxe das frases” (MARCUSCHI, 2007, p. 135). É considerada palavra-frase (uma [palavra-] frase não poderia fazer parte de outra frase).

A tira a seguir, de Dik Browne mostra como o emprego de uma interjeição pode expressar por meio de uma única palavra o valor de um enunciado.

FIGURA 15: Tira Hagar, o horrível



Fonte: SARMENTO, Leila Lauer. Oficina de redação. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007, p. 185.

No primeiro quadro, o personagem Hagar dialoga com um amigo e sente tristeza ao mostrar o filho, que prefere ler a agir como um bárbaro. Como Hagar é um guerreiro bárbaro, deseja que seu filho seja brigão e valente, como ele, e não um menino tranquilo, que adora ler livros.

No segundo quadro, Hamlet continua alheio ao grupo, interessado apenas em sua leitura, enquanto os meninos disputam entre si qual deles será o mais terrível e amedrontador. O quadrinista mostra que Hamlet é diferente dos outros meninos até mesmo na aparência, pois Hamlet aparece limpo e arrumado, com os cabelos cortados e penteados, como um menino moderno, enquanto os outros meninos têm cabelos desgrenhados e roupas esfarrapadas, com a aparência típica de bárbaros.

No terceiro quadro, o personagem Hamlet comprova que é um garoto esclarecido ao revelar que deseja ser dentista e explica o que isso significa. Ao ouvir a explicação, os pequenos bárbaros se expressam por meio da interjeição “*Oh, puxa*”, que poderiam expressar sua admiração por meio de uma única frase

logicamente organizada, como esta: “*Você é muito cruel!*”. Segundo Gonçalves (2002), “a frase tem uma *significação*, mas apenas adquire propriamente *sentido* quando utilizada em uma situação” (GONÇALVES, 2002, p. 285).

Segundo o autor, ao aproximar a frase e a interjeição, não se deve esquecer que a significação da interjeição está apenas referenciando a enunciação. Não há um conteúdo explícito da interjeição, mas em uma frase podem ser bastante fluidas. O personagem Hamtlet será mais cruel do que todos eles, porque vai arrancar dentes das pessoas, essa ideia os faz admirá-lo. No entanto, a reação emotiva dos personagens os levou a se expressar por meio de uma única palavra, que vale por uma frase. Para Cavalieri (2004),

A intejeição, também pode ser usada como “palavra-tampão”, uma vez que, durante a formulação de um discurso, o falante necessita preencher linguisticamente ou verbalmente um tempo necessário pra que reestruture seu discurso e formule seu novo turno (CAVALIERI, 2004, p. 202-203).

No último quadro, além de produzir o humor do texto, o quadrinhista mostra que o estudo ou o hábito da leitura torna as pessoas verdadeiramente diferentes, capaz de seguir os próprios ideais. Para Marcuschi (2007), as interjeições tem características bastante discursivas, como os marcadores conversacionais e as hesitações. Para o autor, a questão de as interjeições serem ou não uma classe de palavras é o menos relevante, pois as caraterísticas não residem na sua classe gramatical e sim na função discursiva.

A *entonação gramatical* é outro suporte linguístico igual para todos os falantes da língua. São os falantes que lhe atribuem *entonação expressiva*, criando sentido em cada contexto da interação verbal. As *interjeições* não fazem parte da estrutura, mas expressam diferentes emoções. Na fala, a *entonação expressiva* se mostra pelos gestos, pelas expressões faciais, pela postura do corpo, pela altura da voz, pela melodia frasal, pelos acentos de pronúncia, como se pode observar na tira de Morte Walker.

FIGURA 16: Tira Recruta Zero – Mort Walker



Fonte: CAMPOS, Maria Inês; ASSUMPÇÃO, Nivia. **Tantas linguagens:** literatura, produção de textos e gramática em uso: Ensino Médio 2. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2007, p. 271.

Na tira do personagem Recruta Zero, a interjeição “ei!” apresenta sentido de surpresa, espanto. Nesse caso, a interjeição expressa o humor da situação: o personagem Recruta Zero usa para expressar espanto porque o personagem general, pouco afeito às novidades da informática, coloca um selo na tela do computador, achando que, assim, poderia enviar um e-mail. O sentido da interjeição se constrói na enunciação no momento em que ocorre a expressão verbal e o personagem utiliza entonação expressiva para demonstrar sua surpresa.

Já na escrita, os mecanismos para representar a entonação expressiva são: os sinais de pontuação, as interjeições e outros recursos gráficos como o negrito e a variação no tamanho e na forma das letras. Os sinais gráficos de pontuação marcam diferentes entonações gramaticais, com as interrogações, enumeração, conclusão, e demarcação.

Esses recursos, no entanto, só adquirem sentido quando postos em situações vivas de interação verbal. Isso significa que a entonação gramatical, igual para todos e com sentidos possíveis, é diferente da entonação expressiva, que é particular, com sentidos engendrados na interlocução.

Essas reflexões e interpretações sobre a linguagem e a cultura popular, de uma análise preliminar, voltadas às questões específicas deste estudo sobre as interjeições e as locuções interjetivas fornecem subsídios teóricos para poder explicar a análise que aqui foi desenvolvida.

Com base nessas análises, observa-se que as interjeições, ao se revestirem como atos expressivos, desenvolvidos na conversação ao longo dos turnos, não

estão a serviço da transmissão de uma informação, ao contrário, estão a serviço de uma exteriorização de um estado emocional.

Assim, finaliza-se este estudo em que as interjeições e locuções interjetivas foram utilizadas nas TQ tanto quanto à *forma* e à *função*:

Na tira 7: Professor Tantã aqui analisada a interjeição “*puxa*” quanto à *forma* é classificada como *primária*, por constituir um enunciado independente, quanto à *função* é classificada como *cognitiva*, por exprimir o estado mental do falante.

Na tira 8: Garfield, as interjeições marcam os atos de fala. A interjeição “*Êi!*” tem a função de espera, quanto à *forma* é classificada como *primária* e quanto à *função* entra na categoria *apelativa*, pois o personagem Jon tenta chamar a atenção da personagem empregada. Já a interjeição “*Olha!*”, quanto à *forma* é *secundária* por ser um verbo e serve como um pedido, um apelo e quanto à *função* entra na categoria *apelativa*.

Na tira 9: Chiclete com Banana, a interjeição “*ah!*” representa um grito articulado, de valor afetivo, quanto à *forma* é uma interjeição *primária* e quanto à *função* entra na categoria *apelativa*, pois os personagens “negrinhos” tentam despertar a atenção do personagem segurança e tentam convencê-lo de que têm uma irmãzinha japonesinha.

Na tira 10: Bill Watterson, as interjeições foram utilizadas pela personagem mãe que não se interessa pelo produto oferecido pelo vencedor. A interjeição “*Alô!*” tem valor de chamamento, quanto à *forma* é *secundária* e quanto à *função* entra na categoria *fática*, pois tem objetivo de estabelecer a comunicação entre o locutor e o interlocutor. A interjeição “*Hum-hum!*” tem valor de concordância, quanto à *função* é *primária* e quanto à *forma* é *emotiva*, pois expressa um gesto arbitrário. Segundo Wierzbicka (1991, apud Gonçalves, 2002, p. 340) essa estrutura fonética consiste em um esforço de afastamento do agente responsável pela irritação do olfato ou da boca. Já a interjeição “*Heim?*” tem valor de dúvida quanto à *forma* é *primária* e quanto à *função* é *emotiva*.

Na tira 11: Laerte: Deus 2: a graça continua as invocações: “*Deus pai!*”, “*Ó Senhor!*”, “*Valha-me!*” quanto à *forma* são *secundárias* e quanto à *função* são *apelativas*, pois evocam a Deus, justifica uma atitude emocional paroxística da parte de quem a vive, é o destino que é preciso conjurar, nomeando ou implorando o Céu. Essas invocações frases são marcas de desejo, de aspiração.

Na tira 12: O melhor de Calvin, a interjeição “*Ahh*” dita pelo personagem Calvin indica empolgação, alegria. Quanto à *forma* é *primária*, porque impede a sua associação em sincronia a qualquer tipo de palavra que integre as tradicionais partes do discurso, apresenta prosódicas originais e caracteriza uma interjeição afetiva, isto é, representa um grito articulado de sentido de valor afetivo. Quanto à *função*, caracteriza-se como expressiva emotiva por demarcar uma sensação momentânea.

A tira 13: Níquel Náusea sugere uma conversa espontânea entre os personagens. A interjeição “*puxa*” quanto à *forma* é *primária*, por constituir um enunciado independente e quanto à *função* entra na categoria *cognitiva*, pois expressa o pensamento do falante no momento em que proferiu a interjeição.

Na tira 14: Hagar, o horrível a interjeição “*Oh, puxa*” utilizada pelos personagens para expressar a admiração pelo personagem Hamlet quanto à *forma* é *secundária*, por ter valor de uma frase e quanto à *função* entra na categoria *expressiva/emotiva*, pois caracteriza as emoções momentâneas dos personagens.

Na tira 15: Recruta Zero – Mort Walker, o personagem usa a interjeição “*ei!*” para expressar espanto, quanto à *forma* é *primária* e quanto à *função* entra na categoria *expressiva/emotiva*, pois caracteriza surpresa, espanto e a entonação expressiva do personagem.

Fixou-se que as interjeições apresentam consequências semântico-pragmáticas quando essas evocam interpretações associativas por meio de regras pragmáticas. Por um lado, mesmo complexas, podem ser determinadas no enunciado por meio de estruturas semântico-conceituais e argumentativas.

Por outro lado, sob o ponto de vista pragmático, de acordo com Fraser (1990, apud Gonçalves, 2002) as interjeições se definem como em subgrupos de itens que codificam as atitudes e as intenções comunicativas do falante/locutor quanto à função enunciativa e discursiva às quais são condicionadas pelo contexto sociocultural, como se evidenciara nas TQ aqui analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perguntas que norteiam as discussões aqui apresentadas foram: Qual o papel da interjeição e das locuções interjetivas no contexto linguístico e discursivo? Qual a relação da interjeição ou locuções interjetivas com outros fenômenos da fala, tais como marcadores conversacionais e as hesitações? Qual é o espaço que elas ocupam no lugar que a ciência da língua reserva à sua história? Como se localizam as interjeições e as locuções interjetivas nas TQ, de uma forma que remete à prática pedagógica?

O trajeto que conduziu às possíveis respostas para estas perguntas iniciou com a introdução deste trabalho, que buscou demonstrar com clareza a importância das interjeições e das locuções interjetivas, observando os requisitos semântico-argumentativos e discursivos na comunicação de imagem visual, verbal e não verbal, caracterizando os diferentes significados ou sentimentos, transmitidos pelos atos expressivos e também como sugestão de trabalhar com a língua por meio de um tratamento vivo, dinâmico, identificado com a sua verdadeira função no contexto social para que o aluno possa conhecer e interagir socialmente com fatores socioculturais.

Apresentando uma reflexão sobre os estudos de língua/linguagem; cultura/ensino pôde-se comprovar a relevância dos aspectos social, cultural, psicológica e isso indica que uma metodologia de ensino pode ser criativa, adequada e coerente com os anseios dos alunos de língua portuguesa. O ensino da “gramática” deve ocupar o lugar que, eminentemente, lhe é devido, ou seja, na práxis da linguagem. É impossível continuar roubando-lhe o espaço que foi e é seu, por meio de um ensino vago e sem futuro promissor.

Em seu percurso, a pesquisa apresenta a caracterização do gênero textual e discursivo TQ, enquanto prática para situá-las nesse contexto. Em seguida, discutiu-se sobre a importância das histórias em quadrinhos, como também, explicitaram-se as abordagens dadas sobre as TQ: que gênero é esse? Por último, uma reflexão sobre o gênero textual quanto à função da situação enunciativa de uma forma argumentativa e discursiva da comunicação da imagem visual, verbal e não verbal que compõem as TQ.

A pesquisa se fundamentou na trajetória da construção do conhecimento das interjeições e locuções interjetivas com conceituações de dicionários, de livros didáticos e das gramáticas de língua portuguesa, utilizados no Ensino Fundamental e Médio. Realizou-se, também, uma reflexão sobre a abordagem da semântico-argumentativa, de situações discursivas e da pragmática, dos atos de fala e da análise da conversação.

Logo, partiu-se para análise das TQ e foi possível verificar as manifestações da língua falada a todo instante do texto escrito, aliando-se a recursos da escrita e também dos recursos da imagem visual. Observou-se que é impossível descrever a estruturação do texto das TQ, sem que tais elementos sejam considerados, pois a linguagem oral e da imagem visual possui igual importância. Sendo assim, os recursos visuais e não verbais da conversação com gestos, expressões faciais e corporais são representados por meio dos desenhos, transmitindo cada movimento do personagem.

Dessa forma, descreveu-se como as TQ tentam simular a linguagem oral por meio dos elementos estruturais da conversação, dos recursos linguísticos como marcadores conversacionais, frases entrecortadas, onomatopeias, o humor e elementos paralinguísticos, como as pausas, intensificações e organizações da conversação como os turnos, sobreposições de voz, entre outros (EGUTI, 2001).

A língua falada e a língua escrita são duas modalidades que se completam, possuem suas características e interagem entre si. Analisaram-se também os elementos da linguagem de imagem visual, verbal e não verbal que compõem esse gênero textual/discursivo. Verificou-se que esses recursos estão ligados à linguagem visual e que separados dão conta de transmitir a mensagem do texto, caracterizando quando à função discursiva de fatores culturais no contexto social.

As TQ trazem elementos fundamentais para a transmissão da ideia, da interpretação, da emoção, da história, o diálogo representado pelos balões aborda diferentes situações que se encontra na vida. Assim, apesar de os personagens serem estereotipados, o diálogo revela o ser humano e suas potencialidades comunicativas. Pode-se afirmar que as características da língua falada, aliadas aos elementos visuais nas TQ, conduzem à narrativa, e percebe-se que os quadrinistas tentam aproximar o máximo possível as situações da realidade, buscando reproduzir uma conversação espontânea de fatores socioculturais.

Ao analisar o contexto em que foram produzidos os atos de fala, percebeu-se também que a pragmática está inscrita nos enunciados produzidos em situações de interação e interlocutores específicos com objetivos também definidos. Confirma-se que falar uma língua é realizar ações e que os enunciados possuem uma força ilocucionária/perlocucionária que fazem com que as intenções do falante alcancem o ouvinte, para que este realize os atos de fala propostos pelo falante.

As TQ também utilizam o humor ou ironia para demonstrar como os atos de fala se concretizam em simples conversas que são plenas de intencionalidade ou de segundas intenções, ou de ordens ou ações que podem gerar um mal entendido ou atitudes inesperadas dos personagens. O humor não é criado apenas pelos atos contrários ao que locutor tem intenção de comunicar, mas também pelo fato de o interlocutor estar fora do contexto, podendo surgir interpretações equivocadas, originando conflitos. Por esse motivo, é importante entender os efeitos de sentidos e significações num determinado contexto social.

Portanto, respondendo às perguntas desta pesquisa, pode-se reafirmar a importância do uso das interjeições enquanto situações enunciativas e pragmáticas da linguagem. As emoções transmitidas pelas interjeições fazem parte do componente pragmático da língua, determinada pelo falante que seleciona uma emoção ou uma locução expressiva apropriada à sua intenção durante a formulação do ato expressivo, que sozinhas ou juntas a outros atos, interagem e dão continuidade à ação comunicativa.

As interjeições e as locuções interjetivas são altamente dependentes do contexto, e, muitas vezes, se apresentam isentas de significado lexical, mas expressam valores semântico-argumentativos, discursivos e pragmáticos que são largamente empregadas na comunicação de imagem verbal, não verbal e verbal. Por meio dessa forma de comunicação, podem-se perceber os estados emotivos ou os atos expressivos (recursos prosódicos) dos personagens através de sua representação na linguagem.

A intenção deste trabalho foi trazer considerações que podem contribuir com as proposições da forma linguística, da semântica e da pragmática sobre o uso das interjeições e locuções interjetivas, utilizando o gênero textual TQ proporcionando aos professores e aos alunos a oportunidade deste estudo como forma de conhecimento, entretenimento, reflexão, informação ou até mesmo emoção, sendo que o conhecimento é um processo em construção. Assim, confere-se às

interjeições e às locuções interjetivas uma significação de valor expressivo, uma vez que são relevantes para a vida.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M, PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido.** São Paulo: Moderna, 2010.

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Gramática: texto: análise e construção de sentido: volume único.** São Paulo: Moderna, 2006.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal.** Trad. BASSETO, Bruno Fregni; MARUCHO, Henrique Graciano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AUSTIN, John Langshaw. **How to Do Things with Words.** Oxford University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Trad. VIEIRA, Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Estética da criação verbal.** Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Trad. Aurora F. Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002a.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski.** Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b.

_____; VOLOCHÍOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. **Novo diálogo: língua portuguesa.** Ed. Renov. São Paulo: FTD, 2007.

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando desafios no campo dos estudos do texto. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 389-428.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral.** São Paulo: Nacional, 1976.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BREÁL, Michel. **Ensaio de Semântica**. Campinas: Educ/Pontes, 1992.

CÂMARA Jr. Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis. Vozes, 1977.

CAMPOS, Maria Inês Batista e ASSUMPÇÃO, Nivia. **Tantas linguagens: língua portuguesa: literatura, produção de textos e gramática em uso: Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.

CATTO, Nathalia Rodrigues; HENDGES, Graciela Rabuske. **Análise de gêneros multimodais com foco em tiras em quadrinhos**. Signum, Londrina, nº 13/2, p. 193-217, dez. 2010.

CAVALCANTI, Marilda C. Considerações sobre alguns cenários sociolingüísticos complexos no contexto brasileiro: o andamento do projeto "Vozes na Escola". *Línguas e Letras*. v.2,n.2. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

CAVALIERI, Ricardo. Interjeição à luz da semântica argumentativa. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, n. 27/28, p. 199-207, 2004.

CEREJA, William, MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva: volume único**. 3. ed. Reformulada. São Paulo: Atual, 2009.

CONGRESSO NACIONAL. **Lei de direitos autorais** (Direitos de autor e direitos conexos). Decreto-lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências, 1998.

COSTA-HÜBES, Terezinha da C. As marcas da interação determinadas pelo mundo discursivo: reflexões sobre o gênero história em quadrinhos. In: VON BORSTEL, Clarice N. e COSTA-HUBES, Terezinha da C. (Orgs.). **Linguagem, cultura e ensino**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011, p. 171-186.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DUDEN. **Grammatik der deutschen Gegenwartssprache**. 3. ed. Mannheim: Dudenverlag, 1973.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cutrix, 1977.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Proposta de uma gramática específica para sistemas verbais-icônicos: o caminho para a leitura produtivo do gênero textual 'História em Quadrinhos'. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004, p. 165-172.

EGUTI, Claricia Akemi. **A representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.

FÁVERO, Lopes Leonor. et alii. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 91-167.

FONTES, Michel Gustavo. As interjeições como Atos Expressivos: uma análise das variedades lusófonas à luz da Gramática Discursivo-Funcional. *Domínios de Linguagem*, ano 4, nº 1, 1º semestre, 2010.

GASPARINI-BASTOS, S. D. Os constituintes extrafrasais na gramática funcional de Simon Dik; **Alfa – Revista de Linguística**. São Paulo, v. 49, n. 01, p. 103-121, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. 4. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da semântica linguística**. Ed. Unijuí: Ijuí, 2003.

GONÇALVES, Miguel. **A interjeição em Português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva**. Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisboa, 2002.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles (Org.) **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 98-119.

HILGERT, José Gaston. **A paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles de; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio): Documento Básico. Brasília: MEC/Inep, 1998.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 10. ed. Trad. Izidoro Blikstein e José P. Paes. São Paulo: Cultura, 1978.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Banco de Dados**. Disponível em <<http://bd.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 11 mai. 2011.

KATZ, Jerrold. J.; FODOR, Jerry. A. The Structure of a Semantic Theory. **Language**. v. 39, n. 02, p. 170-210, 1963.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAKOFF, George. Experiential Factors in Linguistic. In: SIMON ; SCHOLLES, R. (Eds.). **Language, Mind and Brain**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1982, p. 145-157.

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. Trad. Bebel Orofino Schaefer. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes Editora da Unicamp, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Questões atuais na análise da conversação. ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 3. Recife: ANPOLL, 1988. p. 319-335.

_____. **Análise da Conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Perspectivas dos estudos em interação social na linguística brasileira dos anos 90**. Recife, 1998.

_____. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Fenômenos da linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Um gênero quadro a quadro**: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1994.

MOKVA, Ana Maria Dal Zott. **A semântica na sala de aula**. Dissertação de Mestrado em Letras. Florianópolis, UFSC, 2001.

MOTERANI, Natália Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. **A organização composicional da tira em quadrinhos**. Signun, Londrina, v. 12, n. 2, p. 225-245, dez. 2009.

NADAL, Juliane; RAUPP, Eliane S. A abordagem dos gêneros textuais nos planos e nas aulas de Língua Portuguesa. **Anais do XIX CELLIP: pesquisa em língua e cultura na América Latina**, 2009. Cascavel, n. XIX, v. XIX, 2009, p. 1-8.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAVIANI, Jayme. **Fundamentos da semântica**. Porto Alegre: UCS-EST, 1976.

PEREIRA, Maria Cristina R. Traga os gibis para sala de aula. **Revista Nova Escola: do Ensino Fundamental**, p. 10-18, Abril/1998.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

PINTO, Plaza Joana. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PRETI, Dino. Alguns problemas interacionais da conversação. In:_____. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2002, p. 52-62.

Projeto Araribá: **português: ensino fundamental**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

RAMOS, Paulo. **É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos?** Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: PUC, 2006.

_____. **A leitura de quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. et alii. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2000.

SARMENTO, Leila Lauer,. **Oficina de redação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007, p. 185.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2010. p. 384.

SEARLE, John R. **Os actos da fala: Um Ensaio de Filosofia da Linguagem**. Trad. Carlos Vogt. Coimbra: Livraria Almedina, [1969]1981.

SOUSA, Mauricio de. **Tiras da turma da Mônica**. Disponível em <www.monica.com.br>. Acesso em: 26 jan. 2012.

SOUSA, Mauricio de. **Tiras da turma da Mônica**. Disponível em <www.monica.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2012.

TRAVAGLIA: Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

URBANO, Hudinilson. **Marcadores Conversacionais**. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 81-101.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa.** Coimbra: Almeida, 2001.